



Seu Andalécio e dona Etelvina: sujeitos a perderem a casa

## CRÉDITO

# O DRAMA DOS AGRICULTORES ENDIVIDADOS

*Agricultores de Tenente Portela e Miraguaí vivem uma situação constrangedora. Endividados pelos juros altos dos empréstimos bancários, assistem, indefesos, o leilão de suas casas, animais e objetos de uso pessoal. Em outras regiões a situação não chegou a tanto, mas é de toda bastante penosa.*

— Páginas 10 e 11 —

## TRIGO

# Redução de área é praticamente certa

— Página 6 —

## COOPERADO

*Agora é a vez do eucalipto, que inicia o programa de reflorestamento na Cotrijuí.*

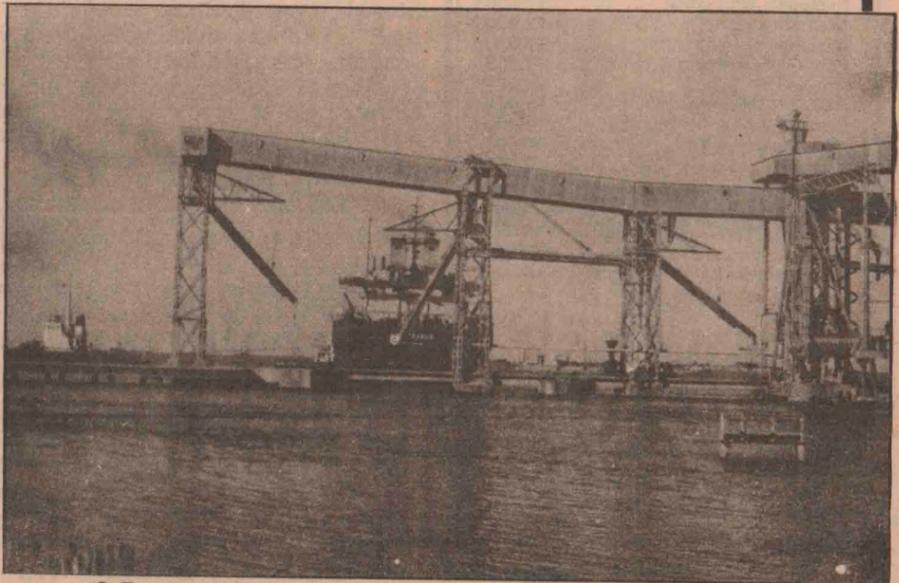
— Página 8 —



Boa fonte de renda

*O preço das máquinas cresceu mais que o dos produtos agrícolas*

— Última página —



O Terminal Luiz Fogliatto poderá movimentar, até setembro, 1,5 milhão de toneladas de produtos

# O movimento do Terminal

— Páginas centrais —

**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111  
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N.º 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:**  
Oswaldo Olmiro Meotti  
**Vice-presidente/Pioneira:**  
Celso Bolivar Sperotto  
**Superintendente/Pioneira:**  
Antoninho Boiarski Lopes  
**Vice-presidente/Dom Pedrito:**  
Tânio José Bandeira  
**Superintendente/Dom Pedrito:**  
Oscar Vicente Silva  
**Vice/MS:**  
Nedy Rodrigues Borges  
**Superintendente/MS:**  
Lotário Beckert

**Conselho de Administração (Efetivos):**  
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

**Suplentes:**  
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Alvaro Rutili, Aquilino Bavareco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godoi Dias.

**Conselho Fiscal (Efetivos):**  
Valter Luiz Driemeyer, Pedro Affonso Pereira, Valdeci Oli Martinelli

**Suplentes:**  
Jayme Wender, Antônio Cândido da Silva Neto, Realdo Cervi

**Diretores contratados:**

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

**Capacidade em Armazenagem:**

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

**AJOCOOP**

Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

**REDAÇÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

**REVISÃO**

Sérgio Corrêa

**CORRESPONDENTES**

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé  
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos  
Porto Alegre: Raul Quevedo  
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**AO LEITOR**

Os agricultores gaúchos vivem momentos que fogem a situações constrangedoras para tornarem-se dramáticas. Em Tenente Portela, Miraguaí e região, uma gleba de agricultores assiste ao leilão de seus bens para pagamento de suas dívidas. Entre os objetos leiloados, alguns de uso pessoal e doméstico, como panelas, chaleiras, travesseiros, talheres, colchões, acolchoados, entre outros. Além destes objetos, eles também estão perdendo seus instrumentos necessários para o trabalho na lavoura, como juntas de bois, cavalos, tratores, plantadeiras, arados. A causa dessa falência fica por conta do endividamento generalizado e que tem como pano de fundo a alta dos juros cobrados pelo dinheiro pego para continuar produzindo. A situação destes pequenos agricultores de Miraguaí e Tenente Portela é apenas mais dramática do que a situação dos agricultores gaúchos de um modo geral. Acossados pelas dívidas, pela correção monetária, muitos deles já começam a vender as terras para se verem livres das contas. Quem sai perdendo com toda essa situação é a própria agricultura. A cada dia mais e mais agricultores deixam o campo a procura de empregos nas cidades. Páginas 4 e 5.

Um trabalho comunitário de conservação do solo. Esta é a proposta do projeto de microbacias que está sendo desenvolvido na Unidade de Santo Augusto, desde 1985, a partir da construção de terraços de base larga. Realizado em duas localidades - Vila Radin e Esquina Thomas, o projeto já está entrando na sua segunda fase, sendo priorizado o uso adequado do solo. Página 14.

**DO LEITOR**



**Terra agrícola não deve ser alienável**

Oswaldo Meotti

Centenas de agricultores minifundiários dos municípios de Tenente Portela, Miraguaí e Redentora, estão ameaçados de perder suas terras. Depois de sofrerem sucessivas perdas nas lavouras de verão, devido a pragas nas culturas e pelas variações climáticas registradas no período, eles têm dificuldades de cumprir os compromissos financeiros assumidos com os bancos. É o que dizem os jornais.

O drama vivido hoje pelos agricultores dos referidos municípios, não chega a ser nenhuma novidade. Infelizmente, ele se repete com frequência no estado e no país, e tende a se tornar rotina em nosso cotidiano.

Parece que sem critérios de responsabilidade, o sistema organizacional brasileiro nasceu destituído da noção exata de valores. Por isso que a tendência é quase sempre de privilegiar o óbvio e sustentar o supérfluo, deixando em segundo plano e as vezes até desprezando totalmente, o que é indispensável.

Nesse caso do drama vivido pelos pequenos agricultores da região noroeste do estado - e lá, a quase totalidade é composta de pequenos e miniprodutores - nos leva a raciocinar que o governo, por todos seus segmentos, precisa repensar, com urgência, uma política agrícola realista para o país. Sem que seja estabelecido um critério de prioridade tem o essencial e fundamental para bem exercê-la, que é a terra, jamais sairemos do vazio em que nos encontramos.

Ou encaramos a terra com o realismo que merece, como mãe e mestra, geradora de todos os frutos que

Primeiro foi o suíno, depois o peixe, e depois as aves. Agora surge o cooperado de eucalipto, mais um programa da Cooperativa, do qual o associado poderá obter maiores rendimentos na sua propriedade, ao mesmo tempo que colabora com a oferta de energia e o reflorestamento local. A forma de participação do programa e os projetos para o próximo ano estão na página 8.

Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come". Esta expressão pode traduzir muito bem a situação em que se encontram os produtores gaúchos e também os mato-grossenses com relação ao plantio do trigo. Esperando um preço mínimo melhor para o trigo, mas com a corda no pescoço, por causa da época de plantio, muitos produtores não sabem ainda que rumo tomar: se não plantam a terra fica descoberta. Se resolvem plantar, carregam para a lavoura toda a insegurança do preço e as exorbitantes taxas de juros que estão enterrando o agricultor brasileiro. Página 6.

Construído em 1972, o Terminal Graneliro Luiz Fogliatto continua mostrando serviços. Com excepcional desempenho em quase 15 anos de atividades, o Terminal já exportou, nesse meio tempo, mais de 21 milhões de toneladas de produto. Nesse ano, até setembro, deverá sair pelo Terminal 1,5 milhão de toneladas, representando um terço da produção de grãos escoada pelo Rio Grande para outros estados e países. A matéria sobre o desempenho do porto de Rio Grande está nas páginas centrais.

alimentam a vida, ou estamos condenados a uma vida marginal como nação do terceiro mundo, sem perspectivas de um crescimento homogêneo e gradual, para o qual temos potencialidades naturais incomensuráveis.

Na verdade, enquanto agricultores forem penalizados a responder com suas terras como garantia de aval financeiro, não temos o direito de falar e nos posicionar como cidadãos de país organizado. Ou julgamos a terra por critérios mais filosóficos, atribuindo-lhe valores sociais e sobretudo, humanos, ou seremos sempre e cada vez mais dependentes em alimentos, aparecendo aos olhos do mundo como nação carente, em meio a um universo de riquezas potenciais.

Tem sido dito e repetido, até com insistência, que produzir alimentos no Brasil chega a ser uma verdadeira aventura. Esse agricultor, que a rigor não dispõe de um seguro agrícola que lhe dê tranqüilidade em relação aos fenômenos de clima num país de instabilidade tropical, e que está sujeito a liberalidade de um mercado agressivo quando forma a sua lavoura, não encontra segurança no mercado quando necessita vender o que produziu.

Os juros - aos quais ele responde com a terra, que é sua matéria-prima - são progressivos. Mas os preços de mercado dos produtos, sujeitos a chamada lei da oferta e procura, sofrem as oscilações do momento. Se a colheita é generosa, a oferta maior força os preços para baixo. Se é reduzida, o impulso é para cima, mas sem resultados práticos para o produtor, pois a

perspectiva de lucro ficou dissolvida na própria lavoura, por consequência do clima ou pela ação das pragas.

Assim exposto a todas as vicissitudes, o produtor rural brasileiro é um trabalhador persistente e audacioso. Quando vence, é muito mais por seus méritos do que pelas estruturas jurídicas postas à sua disposição. Em nenhum país do mundo que tenha na agropecuária o volume maior de seu produto nacional, a legislação dirigida ao setor é tão inconseqüente e descuidada, como no Brasil.

Pensamos que reclamar por uma política agrícola definida e estabelecida para ser praticada a longo prazo, é condição essencial para o fortalecimento das estruturas sociais. Nos parece inconcebível a continuidade dessa prática que obriga o agricultor penhorar a terra como garantia de empréstimos feitos com o intuito de produzir alimentos. O governo deve estudar formas diferenciadas para garantir crédito sem sujeitar o produtor a expor seu bem maior, que é a terra, aos azares de colheitas frustradas, e as vezes até mal remuneradas, por efeito de políticas que privilegiam os demais segmentos da economia, em detrimento do setor primário.

Obrigar o agricultor a entregar terras para quitar compromissos financeiros assumidos para produzir alimentos, seria o mesmo que estabelecer, por lei, o volume de ar permitido a uma pessoa respirar.

Oswaldo Meotti é economista e diretor presidente da Cotrijornal.

## Uma correria danada

O sobe e desce do preço da soja causou um rebuliço danado entre os agricultores nesse final do mês de maio. Depois de ter alcançado Cz\$ 290,00, o preço da soja resolveu dar um susto nos produtores que ainda aguardavam uma reação maior, caindo para Cz\$ 275,00 o saco. Não deu outra. A correria para as Cooperativas foi grande. Todo o mundo queria comercializar a produção antes que o preço caísse ainda mais. Foi um susto grande e, depois, o preço voltava a estabilizar por volta dos Cz\$ 290,00. O pátio da Cotrijuí, em Ijuí, era uma mostra da situação que acontecia dentro da Cooperativa. Os agricultores que chegavam mais tarde, não encontravam espaços para estacionar seus carros. Nesse dia, 19 de maio, os funcionários da Cotrijuí, atenderam, no período das 7h30min às 17,00 horas, 920 pedidos de liquidação do produto. A Cooperativa ainda não tinha registrado na sua história, um movimento desse tamanho. O



Um movimento de associados nunca registrado na Cooperativa

volume de produto comercializado nesse dia chegou a 310 mil sacos, representando 24 por cento do total de produto entregue na Unidade. Em termos de Regional Pioneira, o total de produto comercializado nesse dia chegou a 700 mil sacos.

Para atender a tantos associados num dia só, o gerente da Unidade, Zeno Foletto, dobrou o número de atendentes, passando para 18 e procurou simplificar o trabalho nos balcões. "O trabalho se resumiu, conta Zeno Foletto, em o funcionário recolher a assinatura do associado e a opção de quantidade de venda". Ele conta que além dos 820 associados que passaram pelos balcões de atendimento, fazendo a

liquidação do produto, foram atendidos, por telefone, mais 100 associados. "Também atendemos nesse dia, por volta de outros 100 associados que vieram até a Cooperativa para realizar outras transações", fala o gerente. Zeno Foletto admite que o associado não necessitaria passar por momento de tanta insegurança e intranquilidade, se procurasse comercializar a sua produção em preço médio. "Tenho certeza que se o associado atribuisse essa função à direção da Cooperativa, ela poderia garantir maior segurança ao produtor", diz ele, lembrando que o preço médio, ainda é a modalidade que oferece maior segurança ao produtor.

## Apoio às cooperativas

Garantir apoio total às cooperativas já implantadas e em funcionamento e incentivar a criação de novas em Mato Grosso do Sul foi a promessa do governador Marcelo Miranda Soares a um grupo de dirigentes de cooperativas, durante audiência com a Ocems (Organização das Cooperativas do Estado de Mato Grosso) no dia 12 de maio.

A preocupação do governador com o cooperativismo pode ser sentida nas mudanças realizadas na própria estrutura da Secretaria de Agricultura e Pecuária, que desde março está implantando uma Coordenadoria de Apoio Social, da qual fazem parte uma Diretoria de Cooperativismo e uma Diretoria de Assistência ao Pequeno Produtor.

A Coordenadoria de Apoio Social tem por objetivo coordenar as ações voltadas ao desenvolvimento social dos produtores rurais, priorizando os pequenos, e, dentre estes, aqueles que enfrentam problemas de acesso à terra, saúde, habitação, educação e assistência técnica. Aos demais produtores as ações estarão voltadas ao aumento da produtividade através da adoção de novas técnicas, necessitando para tal mais recursos para investimentos e custeio.

A atuação da Secretaria de Agricultura e Pecuária se dará em dois níveis, abrangendo as cooperativas já existentes no encaminhamento das soluções dos problemas existentes e, em segundo lugar, a nível de treinamento e educação cooperativista, abrangendo inicialmente técnicos que atuam na extensão rural, dirigentes e funcionários de cooperativas e, posteriormente, aos demais produtores e público em geral.

Na reunião do secretário Flávio Derzi, da Agricultura, foi apresentado o anteprojeto de um plano de desenvolvimento do cooperativismo no Estado, o qual será analisado pelas lideranças do setor para a apresentação de sugestões. Esse plano prevê o assessoramento contínuo às cooperativas em funcionamento, o apoio às novas cooperativas, o incentivo ao intercâmbio entre as cooperativas e o encaminhamento das reivindicações do setor aos órgãos ligados a agropecuária nas esferas federal, estadual e municipal.

A Diretoria de Cooperativismo da Secretaria de Agricultura e Pecuária está sob a responsabilidade de Flodoaldo Alves de Alencar.

### Indústria de carnes

A direção da Cotrijuí recebeu, no dia 20 de maio, a visita dos vereadores de Ijuí, do prefeito municipal Wanderley Burmann e do presidente da III Expo-Ijuí e 1ª Fenadi, Adelar Francisco Baggio. O vice-presidente recebeu os visitantes e falou dos programas que a Cotrijuí vem levando adiante através do Centro de Treinamento. Apresentou um projeto de uma indústria de carnes, mas adiantou que a instalação dessa indústria de abates e transformação vai depender da necessidade de abastecimento do mercado regional e também da solicitação do quadro social.

## A Ferrovia da Vergonha

"A Ferrovia a Vergonha" é apenas um dos tantos adjetivos qualificativos que vem sendo dado a Ferrovia Norte-Sul que o presidente José Sarney insiste em construir até o final do seu mandato. Sem qualquer projeto básico que demonstre a sua viabilidade, a ferrovia terá, ao todo, 1.600 quilômetros de extensão e vai unir as cidades de Anápolis, localizada em Goiás e Açailândia, no Maranhão, a um custo, segundo as contas do governo, de 2,5 bilhões de dólares. Pelas contas dos críticos entendidos no assunto, a ferrovia não deverá sair por menos de 7,5 bilhões de dólares. Para acirrar as críticas, um escândalo de corrupção e fraude da ferrovia que pretende ligar o "nada a coisa nenhuma" foi descoberto pelo jornalista Jânio de Freitas, da Folha de São Paulo. Ele conseguiu apurar alguns dias antes da abertura da concorrência, que os 18 lotes para a construção da ferrovia haviam sido "acertados" entre as empresas construtoras. Desmoralizado, o governo foi obrigado a anular a concorrência, mas garante que a ferrovia sai de qualquer forma, mesmo que chova canivete. De obras faraônicas, sem qualquer consulta prévia de suas necessidades, o povo brasileiro já anda cansado. Estão aí como exemplos bem práticos, a Transamazônica, a usina nuclear de Angra dos Reis, Ferrovia Carajás, entre outras tantas que ficaram inacabadas, mas que serviram para preencher vaidades pessoais. Da Velha República para a nova, pouca coisa mudou. Pelo menos a mania de grandeza continua desperdiçando o dinheiro do povo.

## Publicação da Defesa combate multinacionais

"O Sul é verde e amarelo, e é de luta". Com essa frase sugestiva destacada na capa, está circulando entre clientes e amigos da Defesa — Indústria de Defensivos Agrícolas S.A., uma revista institucional da empresa.

Na publicação — que mostra a Defesa desde sua fundação — uma espécie de radiografia da indústria, inclusive com a análise do processamento da trifluralina, principal produto elaborado pela empresa, e que tanta polêmica tem ocasionado nos meios comerciais do setor, especialmente entre as empresas multinacionais do ramo. E a revista não é polêmica somente por essa razão. Ela também questiona a dívida externa brasileira. Conforme é público e notório, como subsidiária da extinta Centralsul, a Defesa envolveu-se em pendenga jurídica com o Bank of America (BoFA, tendo vencido já em primeira instância. A publicação vai além. Questiona as causas do endividamento brasileiro, principalmente na parte que toca às cooperativas de produção, que são apresentadas como as mais prejudiciais pelo endividamento

externo, essa gigantesca bola de neve. . .

Na parte final, a publicação mostra a importância do cooperativismo no concerto da economia nacional primária, na indústria de esmagamento e refino de grãos oleaginosos, na armazenagem, nos transportes e na assistência tecnológica rural, entre outras atividades vinculadas à agropecuária.

A revista presta homenagem ao descobridor da "química fina" que originou o composto que resultou na trifluralina nacional, o engenheiro químico Leodônio Francisco Schroeder, de Cruz Alta. Esse cientista, no dizer de alto funcionário do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES, merece uma medalha do CNPQ, ainda segundo a mencionada revista.

De fato. Antes da existência da Defesa, há 10 anos atrás, os agricultores pagavam sete dólares pelo litro da trifluralina. Hoje, o custo do produto no Brasil é de apenas quatro dólares.

## Renúncia do ministro

Enquanto a reforma agrária perdia terreno na Constituinte, as discordâncias com a política do Governo Sarney levaram o ex-ministro do Mirad, Dante de Oliveira, a renunciar ao cargo, no dia 23 de maio. Para substituí-lo, o presidente Sarney nomeou interinamente o ministro da agricultura Íris Rezende, que dois dias depois passava o cargo para o então presidente da Caixa Econômica Federal, o distante pernambucano Marcos Freire, que até hoje não sabe o que vai fazer no Ministério. A mudança no Mirad também provocou rápidas cogitações em torno da saída do presidente do Incra, o Rubeñ Ilgenfritz da Silva, que, por enquanto, permanece no cargo.

# O leilão dos bens

19 famílias de agricultores da região de Miraguá tiveram seus bens leiloados. Foram arrematados uma vaca, uma trilhadeira com motor e um trator.

Alguns hectares de terra, tratores, trilhadeiras, arados, moto-serras, plantadeiras, motores, junta de bois, vacas de leite, novilhos, cavalos, casas, galpões, sacos de soja e trigo e até objetos de uso pessoal fizeram parte de dois estranhos leilões realizados em Tenente Portela durante o mês de maio. Os proprietários destes objetos, animais e máquinas: agricultores da região de Miraguá que há dois anos travam uma desesperada luta contra a falência. A causa de toda essa situação que tem tirado o homem da terra e empurrado para as cidades fica por conta da incontrolada corrida dos juros bancários, e pela falta de uma política agrícola definida que seja capaz de assegurar o trabalhador rural nas suas terras, mesmo em épocas de frustração de safra.

Foi durante o último leilão, realizado no dia 25, pelo juiz Antonio Fontoura; de Tenente Portela que o seu Valdemar Pino Borth perdeu uma vaca de leite, raça Jersey. Ela foi arrematada pela insignificante quantia de Cz\$ 1.400,00. Ele tem ainda em penhora mais uma novilha. O seu Valdemar agricultor da localidade de Água Fria, interior de Miraguá, nunca teve terra própria, mas trabalha em 15 hectares arrendados, onde planta a soja, o milho, o trigo e outras culturas de subsistência. Por conta da sua dívida ainda estão sendo penhorados uma vaca e uma junta de bois de propriedade do avalista.

"Estou, conta ele, com dois advogados cuidando para que os animais do meu avalista não entrem em leilão". A situação de falência do seu Valdemar começou em 1985, depois daquela safra que foi colhida pela seca. Sem dinheiro para pagar o custeio, ele procurou recursos numa financeira. Na época pegou 5 milhões de cruzeiros, hoje transformada numa dívida que alcança 28 mil cruzados. Mas o drama não parou aí. Impedido de pagar custeio por causa de um aval, ele voltou a financeira e pegou mais 7 milhões de cruzeiros para fazer a planta e sustentar a família até a colheita. Como resultado desse empréstimo, ele deve hoje nessa financeira perto de 50 mil cruzados, totalizando uma dívida de 78 mil cruzados. "Não tenho dinheiro para pagar essas dívidas. Todo o meu capital se resume nessa novilha que está sendo penhorada", lamenta.

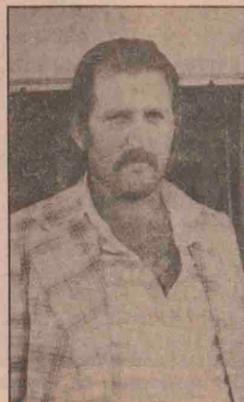
Para piorar a situação, seu Valdemar foi mal com a soja. Numa área onde estava acostumado a tirar 200 sacos de produto, colheu pouco mais de 60. Não pretende plantar trigo até porque não tem direito a pegar custeio no Banco do Brasil. "Espero um dia sair desse aperto. Sempre andei bem, mesmo quando trabalhava de agregado", diz ele, culpando o Plano Cruzado do governo José Sarney pela falência dos agricultores. Acha que só tem uma saída para esses agricultores da região de Miraguá que hoje vêm suas terras e máquinas serem leiloadas para pagar as financeiras: uma moratória. "O governo vai ter que conceder uma moratória geral, que atinja também os agricultores que estão pendurados nas financeiras. Se ele não fizer isso imediatamente, a maioria desses agricultores vai vender o que resta de terra e mudar para a cidade".

## A CASA EM LEILÃO

A situação do seu Andalécio Barbosa, proprietário de pouco mais de 11 hectares de terra localizados pró-



Andalécio e Etelvina: risco de perder a casa



Valter Borth

ximos a cidade de Miraguá e pai de 12 filhos, não é menos desesperadora. Para pagar uma dívida de 4 milhões de cruzeiros que se arrastava desde 1985 e hoje transformada em 24 mil cruzados contratada junto a uma financeira de Três Passos, ele vendeu, para um dos filhos, 3,5 hectares de terra. "Prefiro entregar minha terra para um filho do que para estranhos", diz consolado o seu Andalécio. Mas a questão não ficou resolvida por aí. Ele tem mais dívidas em outros bancos que começam a tirar o sono e a paz da família. Uma destas dívidas foi contraída também em 85, no valor de 6 milhões de cruzeiros, mas que no final do ano passado chegava a 14 mil cruzados. Agora não sabe ao certo em quanto anda a dívida.

Por uma outra dívida, de um empréstimo feito junto a um banco de Miraguá, para pagar custeio e no valor de 8 milhões de cruzeiros, seu Andalécio está tendo a casa onde mora, toda de madeira, de pouco mais de 40 metros quadrados, quatro peças - cozinha, dois quartos e sala/paiol, onde guarda o milho - leiloadada. Também está sendo leiloadada por essa mesma dívida, a casa de um dos filhos, o Arlei, por estar localizada em cima das suas terras. Seu Andalécio sabe que mesmo que as duas casas sejam leiloadas e retiradas de cima da sua terra, "como o oficial de justiça falou", elas não cobrem de forma alguma, as despesas das dívidas. Tem certeza que a finalidade desse lei-

lão não é para pagar as dívidas, mas para desmoralizar de uma vez por toda o colono de pouca terra e sem recursos que foi obrigado a recorrer a dinheiro das financeiras para continuar plantando. Ele culpa o próprio governo, que não tem dado o apoio necessário ao agricultor, por toda essa situação de penúria. "Se perder a casa, vou ter de morar no "tempo", que nem galpão tenho para acampar com a mulher e os filhos".

## SEM NEGAR

Junto com o seu Andalécio e a dona Etelvina, moram e trabalham na mesma terra ainda oito filhos. Três deles já foram para a cidade, Porto Alegre, à procura de trabalho. Conta que a sua casa só não foi a leilão ainda por falta de lances, mas já está preparado para a visita do oficial da justiça que pode chegar a qualquer momento e requerer a desocupação das casas. "Não quero negar a dívida. Só não paguei até agora porque não tive condições e os juros são muito altos. A lavoura vem dando prejuízo desde 85, quando deu aquela seca e nunca tive Proagro, lamenta". Sem direito a custeio, seu Andalécio arrendou sua terra, nesta safra de soja, para um dos filhos, mas ele foi muito mal de planta. Meio desiludido com tudo o que vem acontecendo, ele até já anda pensando em vender o resto das terras. "Aí então, vou embora para o Mato Grosso ou acampar nas terras do governo, que são tantas".



Ademir e Alcides

## Situação pode piorar

Cerca de 200 pequenos agricultores da região de Miraguá vão vender suas terras nos próximos meses. A afirmação é do tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguá, o Alcides Cavalheiro e tem como base o grande endividamento desses agricultores que desde 1985 não conseguem se livrar de empréstimos feitos em financeiras. Esse dinheiro foi usado para o plantio da safra, mas as seguidas frustrações de lavoura e a disparada dos juros tem impedido esses agricultores de saldarem seus compromissos. Muitos destes agricultores já deixaram a região, venderam suas terras e hoje andam pelo Mato Grosso ou pelas cidades à procura de empregos. Os que ficaram, assistem, praticamente sem ação, o protesto dos bancos, que através de leilões querem o ressarcimento de suas despesas. Só no dia 25 de maio, 19 famílias tiveram objetos pessoais, animais ou máquinas leiloados.

Segundo o Alcides, o causador de toda essa situação "é o próprio Banco do Brasil, que na hora de uma grande frustração, deixou esses agricultores na mão. Sem direito a novo custeio porque ainda deviam no Banco, eles correram para as financeiras onde conseguiram o dinheiro, mas a juro de mercado. De lá para cá tem sido uma frustração atrás da outra e o agricultor se enterrando cada vez mais". Ele acha que a questão da moratória declarada recentemente pelo governo é bastante discutível, "pois parece que agricultores com protesto, não poderão se beneficiar com a medida".

## VENDER A TERRA

Ninguém quer vender suas terras, mas as vezes não há outra saída, principalmente para quem gosta de levar suas contas pelo fio do bigode. "Como não é permitido o leilão de áreas de terra com menos de 20 hectares, explica Ademir de Moura Rosa, delegado do Sindicato junto a Fetag, muitos destes agricultores estão sendo pressionados a venderem suas terras para saldar suas dívidas".

De qualquer forma o Sindicato continua mobilizado e orientando os agricultores no sentido de que não vendam suas terras. "Nós acreditamos, diz ainda o Alcides, que essa moratória do governo possa se estender as financeiras. O governo terá de fazer alguma coisa em defesa destes colonos, caso contrário, a situação pode se agravar ainda mais".

# TRIGO

## Sabe o que é plantar e ficar tranquilo?

É plantar semente tratada com Vitavax-Thiram PM. Vitavax-Thiram PM é um fungicida com ação sistêmica e de contato. E proteção da semente que cresce com a planta.

Quem usa Vitavax-Thiram PM fica tranquilo. Fique tranquilo você também. Consulte seu agrônomo sobre Vitavax-Thiram PM. Um produto

PubliRural

COTRIJORNAL

Maio/87

# Situação pra lá de difícil

É a dos produtores que estão vendendo terras e máquinas para se livrarem das contas. Nem a moratória e a suspensão da correção monetária resolveu a questão.

A situação do seu Lindolfo Becker Sobrinho, proprietário de 74 hectares na localidade de Rincão dos Becker, Ijuí, não chega a ser tão penosa quanto a dos agricultores das regiões de Miraguaí e Tenente Portela, mas é de toda bastante crítica. Todo o seu endividamento, que hoje chega perto dos 300 mil cruzados, começou com a compra de uma automotriz em 1984.

Na época essa automotriz valia 74 milhões de cruzeiros. Ele deu de entrada 24 milhões de cruzeiros e financiou no banco mais 50 milhões de cruzeiros. Já pagou duas prestações e ainda restava no banco, para ser pago, a quantia de 650 mil cruzados. De acordo com os dois filhos que trabalham na mesma terra, seu Lindolfo juntou toda a soja colhida nesta safra e pagou 450 mil cruzados. "Mas ainda tenho para pagar, conta seu Lindolfo, cerca de 270 mil cruzados". Como ele pegou o financiamento no período anterior ao Plano Cruzado, não tem direito a moratória e nem aos benefícios que o governo vem prometendo. "Hoje estou pagando duas automotrizes, quando na verdade, tenho apenas uma, lamenta culpando a disparada dos juros e a correção monetária por toda essa situação.

Em 85 o seu Lindolfo comprou uma semeadeira para pagar em três prestações, num valor total de 19 milhões de cruzeiros. Pagou a primeira parcela no ano passado e agora já deve no banco 78 mil cruzados, "quando se sabe que uma semeadeira nova está custando hoje, 54 mil cruzados. Mas como a dívida era inferior a 200 mil

cruzados, seu Lindolfo foi beneficiado pelas medidas do governo e ainda conseguiu liquidar a conta da semeadeira por apenas 23 mil cruzados.

## 4.500 SACOS DE SOJA

Seu Lindolfo não pretende chegar ao ponto de ter de vender algum pedaço de terra para pagar as contas nos bancos, mas concorda que a situação atravessa um momento bastante crítico e que vai exigir muito sacrifício. "Só esta automotriz, conta ele, está me custando hoje, exatamente 4.500 sacos de soja. De que forma o produtor vai conseguir sobreviver se tem andado sempre correndo atrás dos preços das máquinas e dos juros elevados? O que o agricultor precisa na verdade, segundo o seu Lindolfo, é de preços justos que remunerem de fato o trabalho do agricultor. Garante que sempre honrou seus compromissos, mas do jeito que anda a situação, não sabe o que poderá acontecer daqui para frente. "Estou totalmente descapitalizado e, daqui para frente, vou procurar viver, pelo menos até a próxima safra, com a receita da produção de leite".

## O MAQUINÁRIO E AS TERRAS

O Valdir Frederich, um pequeno produtor da Linha 2 Norte, Ijuí, proprietário de 37,5 hectares de terra, enfrenta hoje uma situação nunca vista. Ele deve, junto aos bancos, perto de 150 mil cruzados e anda desnorreado, pois já vendeu um trator, o caminhão e uma camioneta F-1.000 para pagar parte das dívidas. As contas do Valdir começaram há três anos atrás, com a aquisição de uma automotriz, um trator e outros implementos neces-



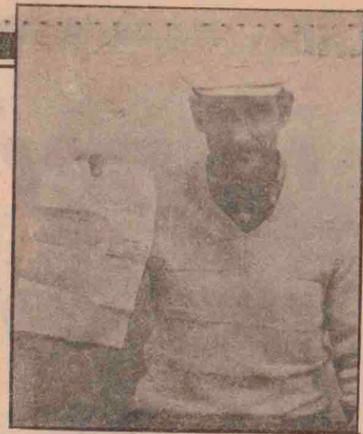
Lindolfo Becker

sários para a lavoura. Ele já pagou grande parte destas dívidas, mas agora já decidiu: não quer mais saber de banco.

Para se livrar do resto das dívidas o Valdir está vendendo 10 hectares de terra. "Se não vender esse pedaço de terra agora, amanhã vou ter que vender toda a propriedade e ainda não vou conseguir me livrar das contas que a cada dia aumentam mais pelos juros elevados. "A correção monetária vem matando o agricultor e se o governo não der uma mão para os agricultores vai ter muita gente vendendo as terras para pagar as contas e ficar sem onde trabalhar.

## EM UM ANO

Para o seu Ellemo Udich, proprietário de 37,5 hectares de terra localizados em Linha 7 Norte, tudo o que o agricultor ganhou nesses anos de trabalho, ele vai perder agora. O endividamento do seu Ellemo chega perto dos 130 mil cruzados. Ele pegou, em 85, um financiamento de calcário no valor de pouco mais de 21 mil cruzados. Pagou a primeira parcela no ano passado, no valor de 15 mil cruzados e ainda deve um total de 90 mil cruzados. "Se eu pagar essa dívida agora, ela baixa para 39 mil cruzados, porque daí escapa da correção monetária". Ele vai pagar a metade dessa dívida, "por-



Ellemo Udich



Valdir Frederich

que não tenho dinheiro", e rolar o resto. "Assim mesmo, diz ele, acho que é demais o que vou pagar. O governo precisa entender que dinheiro para calcário tem que ser classificado como financiamento agrícola. A final, estamos corrigindo a terra para produzir mais".

Além dessa dívida o seu Ellemo tem ainda pendente no banco o custeio da soja que era de 27 mil cruzados e hoje está em 30 mil cruzados, vendendo no final do mês. Como ele vendeu quase toda a soja na modalidade preço futuro, para 30 de agosto, "tenho mais juros para pagar em cima destes 30 mil cruzados. Ele acha que hoje é impossível garantir alguma coisa, já que o governo não dá nenhuma estabilidade para o agricultor. Por toda essa insegurança, seu Ellemo já decidiu não plantar trigo financiado. Para não ficar na dependência de ter de pagar tanto juro pelo financiamento do custeio, ele está pensando em vender o carro, um Corcel 77. "O trigo, vou plantar como puder. O que colher é meu, não vou ter de dar para os bancos".

## FERROVIA DA PRODUÇÃO

# Custo do frete mais baixo

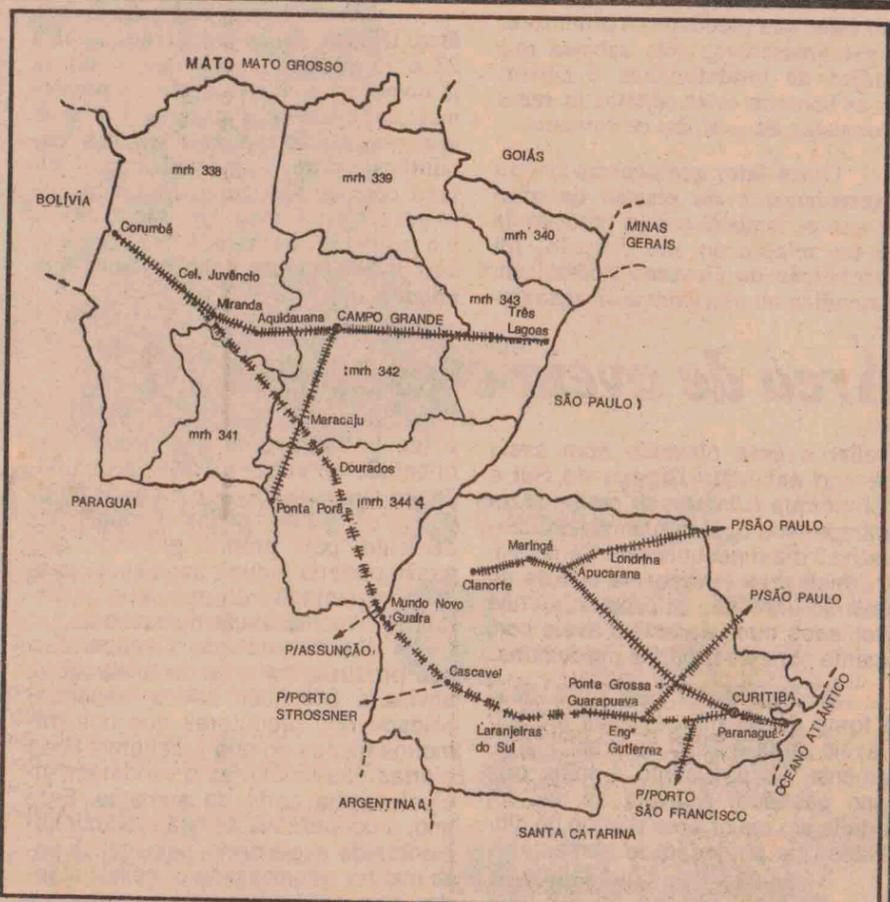
Uma economia anual de 100 milhões de dólares somente no escoamento da produção agrícola dos estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, é o que estima o ministro dos transportes, José Reinaldo Tavares, na exposição de motivos do decreto assinado dia 21 de maio pelo presidente José Sarney, autorizando a construção da Ferrovia da Produção, que ligará Miranda, em Mato Grosso do Sul, a Guarapuava, no Paraná, de onde já parte um ramal ferroviário que vai até o porto de Paranaguá.

A construção e uso da Ferrovia da Produção foi autorizada a Valec Engenharia e Construções Ltda., empresa vinculada ao Ministério dos Transportes, a mesma que esteve envolvida na denúncia de fraude na concorrência da Ferrovia Norte Sul. A concessão, entretanto, poderá ser transferida mediante prévia e expressa autorização do presidente José Sarney, que inclusive já foi reivindicada pelo Governo do Estado do Paraná. O ministro dos Transpor-

tes explicou que a concessão foi outorgada a Valec apenas para que ela dê início imediatamente à construção da ferrovia.

A Ferrovia da Produção deverá estar concluída dentro de dois anos e meio, conforme prevê o decreto. Ela compreende a construção de 1.350 quilômetros de ferrovia, dos quais 694 em Mato Grosso do Sul. O projeto está orçado em 1,8 bilhão de dólares, sendo 1.311 na via férrea e 500 milhões em material rodante. Do investimento de 1.311 bilhão, cerca de 841 serão aplicados na construção e melhoria de trechos no Paraná, e os 470 milhões de dólares restantes no percurso dentro de Mato Grosso do Sul.

A principal vantagem da Ferrovia da Produção para os produtores rurais de Mato Grosso do Sul estará na redução do frete até o porto de Paranaguá, que pode alcançar até 16 dólares por tonelada. Atualmente, o frete rodoviário até Paranaguá está custando 27 dólares por tonelada.



Ferrovia proporcionará economia aos produtores

# Esperando o preço melhorar

Área cai 10 por cento em MS, apesar do reajuste no VBC

Depois do reajuste do VBC (Valor Básico de Custeio) do trigo, que impediu uma maior redução da área plantada em Mato Grosso do Sul, os produtores esperam agora por uma revisão do preço mínimo do produto, tendo como saída para impedir o agravamento da situação financeira de inúmeros produtores.

Ao preço de hoje — Cz\$ 310,00 a saca de 60 quilos — os produtores necessitariam ter uma produtividade média de 29 sacas por hectares, isto para apenas pagar o financiamento bancário. Esta média está bem acima do rendimento médio, a nível de Estado, nos últimos anos, que é de 1.200 quilos por hectare, e mesmo acima da média alcançada em 1985 — de 1.500 quilos por hectare —, uma das melhores já alcançadas no Estado.

O clima até o fim de maio era totalmente favorável ao desenvolvimento da cultura, com chuvas regulares (pouco comuns nesta época do ano) e baixa temperatura, que ajudou para um maior perfilhamento. A persistirem estas condições, esperam os produtores, ainda será possível cobrir custo do financiamento.

## PLANTIO PRORROGADO

O plantio da lavoura de trigo teve de ser prorrogado até o dia 30 de maio, com autorização dos órgãos de assistência técnica, pois grande parte dos produtores não tenha assinado ainda seus contratos de financiamento.

O retardamento do plantio é outro fator que preocupa os produtores sul-matogrossenses, pois sabe-se que o índice de produtividade é menor, com as lavouras mais sujeitas às secas prolongadas do período de inverno.

Outro fator que também influiu no retardamento do plantio de trigo este ano e, também para a redução da área em relação ao ano passado, foi a indefinição do Governo Federal em ser atendida ou não a reivindicação dos

triticultores para reajuste do Valor Básico de Custeio.

Definido já ao final da época preferencial de plantio, o reajuste do VBC chegou a animar os produtores, que correram em busca de mais sementes e iniciaram o plantio acelerado, antes mesmo de terem suas propostas de financiamento aprovadas. A reação dos produtores não foi, entretanto, capaz de elevar a área plantada ao mesmo nível do ano passado — recorde no Estado — que era de 420 mil hectares.

O próprio Ctrin — Departamento de Trigo do Banco do Brasil — admite que a redução da área plantada estará próximo a 10 por cento, não devendo, entretanto, chegar aos 20 por cento das previsões iniciais dos técnicos.

## ÍNDICE IGUAL

Cerca de 80 por cento da área plantada com trigo no Estado está localizada na área de ação da Cotrijuí, que neste ano deverá ficar entre 310 e 320 mil hectares, também com uma redução de 10 por cento em relação ao ano passado.

Hoje a totalidade da área já está plantada, com cultura apresentando na quase totalidade dos municípios um ótimo desenvolvimento em função das boas chuvas de alguns dias de baixa temperatura. Só as lavouras plantadas nos últimos dias do mês de maio é que ainda dependem de chuvas para ter um desenvolvimento inicial em condições de atender as expectativas dos produtores.

Levantamento realizado junto a área técnica da cooperativa nos dias 27 e 28 de maio revela que a cultura já começou a enfrentar alguns problemas de doenças e pragas. Entre as doenças, a principal está sendo a helmintosporiose, cuja incidência diminuiu com os dias frios, enquanto que as pragas mais frequentes são a lagarta e o pulgão. Entretanto, nem as doenças e as pragas chegam a causar danos econômicos.

## Área de aveia cresce em 10%

"Avaliar a área plantada com aveia este ano em Mato Grosso do Sul é difícil porque o interesse pela cultura já ultrapassou o quadro social da Cooperativa" diz o pesquisador Carlos Pitol, principal incentivador da cultura no Estado. Muitos são os produtores não associados que já plantam aveia com semente por eles próprios produzidas.

A área deste ano deve ficar em torno de 35 mil hectares (33.300 de aveia preta e 1.500 da branca), praticamente 10 por cento a mais que o ano passado. A aveia só não foi plantada em maior área porque há dificuldades na obtenção de sementes.

Segundo Pitol, o que falta a nível de Mato Grosso do Sul para um maior aumento da área de aveia

é um trabalho junto aos produtores, orientado-os sobre as formas de utilização que a aveia pode ter na propriedade, e também maior produção de semente, pelo próprio produtor, que assim poderia reduzir seus custos para a implantação da cultura e garantir a disponibilidade de semente.

No ano passado, a cooperativa não produziu semente de aveia preta, atividade que ficou sob a responsabilidade dos produtores que nos primeiros meses do ano receberam boas ofertas das indústrias e venderam, inclusive, boa parte da semente. Este ano, a cooperativa deverá produzir sementes de aveia preta, pelo menos para manter um mercado e melhor atender aos produtores interessados na cultura.



A área diminuiu, mas a produção pode ser maior

## Redução na área é certa

Os produtores gaúchos também continuam esperando pelo reajuste do preço do trigo para chegar a uma decisão definitiva a respeito da área a ser plantada nesse inverno. O período de plantio, recomendado pela pesquisa, já está em cima, mas ainda há muito produtor indeciso, sem saber ao certo que rumo tomar. Se não planta, a terra fica descoberta e sem produzir. Se planta igual tem pela frente, além dos riscos inerentes a cultura, toda uma insegurança em relação ao preço mínimo e as elevadas taxas de juros que cada vez mais estão enterrando o agricultor brasileiro.

O governo está prometendo recursos suficientes para financiar a lavoura e até já reajustou os valores de custeio, mas mesmo assim ainda não convenceu os agricultores que ainda insistem num preço mínimo melhor. Portanto, continua nas mãos do governo a repetição da boa safra do ano passado, quando apenas no Rio Grande do Sul foram plantados quase dois milhões de hectares com a cultura, com uma produção que chegou perto de 1.800.000 milhões de toneladas. Foi a melhor safra dos últimos anos, alcançando uma produtividade média de 1.508 quilos por hectare.

## TUDO NO MESMO

Na área de ação da Cotrijuí, Regional Pioneira, nem mesmo o reajuste médio de 40 por cento dado pelo governo aos VBCs do trigo, no início do mês de maio, serviu para entusiasmar os agricultores da região. O VBC, nível 1, passou dos Cz\$ 4.117,00 para Cz\$ 5.280,00 e o do nível 2 chegou a Cz\$ 8.735,00. Até os primeiros dias do mês de junho quase 40 por cento da área já havia sido plantada, mas ainda não havia modificação na área estimada no início de maio. Tudo indica, portanto, que a área de trigo estabeleze nos 97.500 hectares, 25,74 por cento a menos do que a área plantada no ano passado. "É bem possível, diz Luís Juliani, assistente agrotécnico da Cotrijuí na região, que essa situação sofra alguma alteração até o final do plantio". A afirmação do Juliani é baseada no que aconteceu no ano passado, quando pelas estimativas iniciais de plantio, o trigo deveria ocupar em torno de 100 mil hectares, mas no término da colheita, a área fechou em 131.300 hectares.

Para o Léo Góí, diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, muitos fatores estão contribuindo para que o produtor não plante tanto nesse inverno; no entanto, adverte que o solo precisa ser mantido com cobertura. "Se o produtor não quiser arriscar no trigo, ele pode optar por outras culturas, como a colza, o linho ou até mesmo as forrageiras de inverno. O importante é que o solo não fique descoberto, sujeito a erosão e a desgastes".

## AS DEMAIS CULTURAS

A situação da colza já é um pouco diferente. Pelas estimativas iniciais de plantio, a área poderia aumentar de 1.255 hectares plantados em 86 para 3.350 hectares neste inverno. Uma nova estimativa mostra que essa situação já mudou e a área teve mais um incremento de cinco por cento em cima da previsão inicial. O bom preço praticado no ano passado vem sendo apontado como fator responsável pela nova expansão da colza na região. A previsão do setor comercial da Cotrijuí é de que o preço da colza, na época da colheita, fique de 10 a 20 por cento acima do preço da soja. Quer dizer: a colza deve ter bons preços nesse ano. O alho também mudou de situação e a área cresceu em mais cinco por cento.

A aveia está mantendo uma área mais ou menos estável, sem grandes alterações, mas o linho, que pela primeira previsão teria uma redução de 56 por cento, diminuiu ainda mais de área. Pela segunda previsão, deverão ser plantados 700 hectares e não mais os 930 hectares previstos inicialmente. Na mesma situação encontra-se a cevada. É quase certo que ela não ocupe mais os 2.210 hectares previstos inicialmente, caindo para 1.910 hectares de lavoura na região.

### DEMONSTRATIVO DA SITUAÇÃO DAS LAVOURAS DE INVERNO — SAFRA/87 — REGIÃO PIONEIRA — COTRIJUI

CULTURAS	ÁREA PLANTIO HA
Trigo.....	97.500
Aveia.....	1.040
Colza.....	3.440
Cevada.....	1.910
Linho.....	700
Alho.....	137
Triticale.....	112
Lentilha.....	108

# O recuo na constituinte

Mais do que as renúncias de ministros e as substituições que foram feitas no Ministério da Reforma Agrária, nos últimos dias, o tom conservador das conclusões dos trabalhos sobre a reforma agrária na primeira fase da Constituinte ganharam o destaque a nível nacional, não só pelos projetos em si, como pela forma de sua aprovação. A julgar pelos primeiros resultados, muito pouco das questões sociais da terra poderão ser resolvidas, por meios oficiais, nos próximos anos. A interpretação, longe de ser uma invocação pessimista é o retrato dos próprios resultados dos debates, se é que se pode chamar assim, ocorridos na Subcomissão da Política Agrícola, Fundiária e Reforma Agrária, da qual fazem parte os parlamentares Vicente Bogo, do PMDB, Irma Passoni, do PT e Amaury Müller, do PDT, que, juntamente com outros deputados formaram a ala progressista da Subcomissão.

"O anteprojeto é uma cópia adulterada do Estatuto da Terra", declarou Vicente Bogo, ao comentar, na semana passada, as articulações dos conservadores como o deputado José Lourenço do PFL, para derrotar a proposta do presidente da Subcomissão, deputado Oswaldo Lima Filho, do PMDB. Segundo Bogo, este projeto não era o mais completo de acordo com o seu grupo, porém, o texto final, ficou aquém até do Estatuto, "não citando nem mesmo a expressão reforma agrária".

## ARTIGOS

Em meio a pressões da União Democrática Ruralista, UDR, e subornos, um outro deputado do PFL, Rosa Prata, passou por cima do regimento interno da Constituinte, que não permite a apresentação de emendas que substituam integralmente um projeto, derrubando a proposta do presidente da Subcomissão. Com o pedido de destaque dos progressistas, alguns itens não foram aprovados, mas restaram dois artigos. No primeiro, fica declarado a obrigação social da terra, sendo esta função cumprida, quando ela for racionalmente aproveitada; preservar o meio ambiente; observar as disposições legais que regulam as relações de trabalho; e quando proporcionar o bem estar do proprietário e trabalhadores que dela dependem. O segundo artigo diz apenas que a justiça federal criará varas agrárias para diminuir os conflitos fundiários nas áreas de tensão social.

Para os progressistas, o anteprojeto já é deturpado por não apresentar o termo obrigatório de simultaneidade para as condições do primeiro artigo. Mas, além disso, o grupo que está aproximadamente afinado em outras questões, quer que a Consti-

tuinte estabeleça o limite da propriedade. Com algumas diferenças, alguns parlamentares, endossam a proposta de entidades de trabalhadores rurais, defendendo o limite de até 50 módulos rurais, enquanto outros defendem extensões maiores de acordo com as características de cada estado ou região. Os conservadores, por sua vez, não admitem nem o limite.

Uma outra questão in-

dispensável para o grupo, diz respeito a imissão de posse das terras desapropriadas para fins de reforma agrária, que deve ser imediata, diz Bogo, garantindo ao desapropriado, uma indenização proporcional a contribuição social do imóvel. Os recursos para as desapropriações deveriam ser buscados através de cinco por cento da receita tributária da União, junto com outras receitas complementares. Es-

tas questões, entre outras, como a atribuição aos estados em realizar reforma agrária, passam a ser discutidas agora na Comissão da Ordem Econômica, uma das oito comissões temáticas que fazem parte da segunda fase da Constituinte, e onde poderão ser apresentadas como emendas ao anteprojeto da Subcomissão. Para o deputado Bogo, mesmo que os conservadores sejam maioria, existem chan-



Nada a comemorar, por enquanto  
ces de mudar alguma coisa. A esperança, no entanto, está na votação do plenário, no mês de setembro.

## Está na hora de escolher um sócio para o seu trigo.



## Ou você divide a colheita com as doenças,



## ou você multiplica os lucros com Tilt.

Plantar trigo é um ótimo negócio. Mas você precisa evitar certos sócios indesejáveis, que estão sempre prontos para levar a maior parte da sua colheita.

Contra o oídio, a ferrugem, a septoriose, a helmintosporiose e a mancha da gluma, o melhor sócio que você pode ter é Tilt. Tilt é o único fungicida que, sozinho, tem ação preventiva, curativa e erradicativa contra as principais doenças do trigo.

Tilt é líquido. Por isso, sua aplicação é simples e rápida, evita entupimento dos bicos de pulverização, e pode ser feita de trator ou avião.

E bastam duas aplicações de 0,5 litros por hectare, para controle total dos fungos. A primeira aos 40 ou 50 dias (variedades precoces) ou 50 a 55 dias (variedades tardias), e a segunda 15 a 30 dias após a primeira aplicação.

Caso chova, não é necessária nova aplicação, porque Tilt apresenta alta absorção pela planta. Tudo isso resumido, significa simplicidade de uso e aplicação, economia de tempo e material, e muito mais produtividade por hectare plantado.

A hora de plantar está aí. Agora, você já pode escolher com toda tranquilidade o melhor sócio para sua plantação. Fique com Tilt, e multiplique seus lucros.

ATENÇÃO

Este produto, como todo defensivo, pode ser perigoso para a saúde e o meio ambiente.

Use-o corretamente, seguindo sempre as recomendações do rótulo.

Consulte um Engenheiro Agrônomo.

Produto registrado na DIPROF-SDSV-MA sob nº 030583



PARA  
ESCLARECIMENTOS  
ADICIONAIS  
CHAME OS FONES:  
(011) 241-0691  
(011) 543-9607

**CIBA-GEIGY**  
DIVISÃO AGRÍCOLA

\* Marca Registrada

# Outra alternativa de renda

Como lenha, madeira ou conservando o solo, o eucalipto é uma promissora fonte de renda que abre caminho para o reflorestamento na região.

A exemplo de outras culturas ou produtos que hoje são largamente importados pela nossa região, a lenha destinada a várias atividades da indústria agropecuária, também já possui uma certa dependência de outros locais, tornando, por isso, as operações como secagem de grãos, bem mais encarecidas. Para reverter esta situação e baratear os custos da energia, a Regional Pioneira está lançando o programa cooperado de eucalipto, que como outros cooperados, vai garantir maiores rendimentos para a propriedade, através do reflorestamento em áreas não aproveitadas pela agricultura, possibilitando maiores ofertas de lenha para a região.

A necessidade crescente de buscar uma autosuficiência de energia não é de agora. Já em dezembro passado, o Ilário Gasparin, que é responsável pelo setor de reflorestamento, alertava sobre a elevação dos custos da lenha, que passou de 15 cruzados o metro estéreo (metro cúbico de lenha empilhada), em janeiro de 86, para 150 cruzados em abril deste ano, o que representa uma elevação de 1000 por cento no preço, a ser incorporada nas taxas de secagem. "Estamos pagando pela falta de previsão e pela maneira irracional como foram devastadas as florestas da região", afirma o agrônomo, enquanto destaca os escassos dois por cento de matas nativas ainda existentes no Rio Grande do Sul.

Sem reservas florestais e com um consumo cada vez maior de energia, a nossa região está buscando lenha cada vez mais longe, o mesmo acontecendo com a madeira, que antes vinha do Paraná, e que está sendo substituída pela madeira do Mato Grosso e até do Pará, o que encarece ainda mais o produto por causa do transporte. Só na Regional Pioneira são gastos pela Cotrijuí, anualmente, 2.500 metros estéreos, por enquanto, para os quais são



No ano que vem, a instalação do viveiro de mudas

necessários 110 hectares plantados por ano. "É preciso considerar, diz o Gasparin, os possíveis investimentos a serem feitos na área da agroindústria, como a instalação de um frigorífico e a ampliação da fábrica de óleo, que exigirão um fornecimento constante de lenha a custos menores que os atuais. Além disso, outras alternativas para a lenha, como é o caso do carvão mineral, aumentaria, ainda mais, os custos de energia. "Se o produtor não reflorestar, não terá lenha para secagem e industrialização da sua produção, ficando na dependência de outras regiões a custos não administráveis", assegura o agrônomo, ressaltando a carência de lenha na Cooperativa e a necessidade de um estímulo ao reflorestamento local.

## COOPERADO

Iniciando este ano com o fornecimento de mudas de eucalipto, a Cooperativa está colocando à disposi-

ção dos produtores, quatro mil mudas por hectare, mais a assistência técnica no plantio e na condução dos bosques, podendo o produtor optar pela quantidade mínima de 1000 mudas, que equivalem ao plantio de 0,25 hectares. Para participar do cooperado, o produtor assume o compromisso de comercializar 50 por cento da sua produção com a Cooperativa, o que equivale a 100 metros estéreos por hectare, no sexto ou sétimo ano após o plantio. A época de corte, no entanto, é variável. Como salienta o Gasparin, o produtor pode utilizar parte da madeira para a construção de benfeitorias, tipo moirões para cercas, galpões ou pocilgas, devendo para isso, esperar 10 a 12 anos para o corte.

Além do retorno econômico imediato, o associado tem ainda com o cooperado de eucalipto, uma valorização da sua propriedade. Fora a lenha ou mesmo a madeira para construção, o reflorestamento age como uma barreira contra os ventos, auxiliando a criação de animais consorciados, como a abelha, além de contribuir na recuperação do solo. Para este primeiro ano de cooperado a Cooperativa tem uma previsão de 200 hectares reflorestados, a partir destas mudas que

poderão ser pagas em produtos — soja, milho e sorgo, na próxima safra de verão. Para o pagamento, os produtores podem optar pela proporção de quatro mil mudas por 13 sacos (780 quilos) de soja ou 30 sacos (1.800 quilos) de milho ou ainda 35 sacos (2.100 quilos) de sorgo, valores calculados a partir dos preços de julho próximo.

## ESPAÇAMENTO

Necessitando de pouco espaço para o seu crescimento, o eucalipto pode ser plantado no espaçamento de um metro e 70 centímetros entre as filas e um metro e 50 centímetros entre cada planta. Outros cuidados que o produtor deve ter com o eucalipto é em relação às formigas e a geadas. Segundo o Gasparin, em locais com alta infestação de formigas, pode ser feita uma semeadura de linho, que servirá de atrativo para as formigas. No verão o produtor pode optar pelo cultivo de milho, feijão, amendoim, ou soja que além de ajudar a manter a área limpa, possibilita a quantidade necessária do produto a ser pago pelas mudas. Quanto às áreas sujeitas a geadas tardias, como terras baixas, o mais recomendado é o plantio no tarde, ou seja, no final de julho até o início de setembro. Já nos locais de solo pobre, é indicado a adubação de 50 a 100 gramas de adubo formulado para cada planta, que ocasiona um crescimento inicial mais rápido. Neste caso, porém, o produtor deve ter o cuidado de não colocar o adubo em contato com as raízes, para evitar o secamento das mudas.

Esta é a primeira etapa do cooperado de reflorestamento. No próximo ano, o associado poderá contar com outras espécies fornecidas pela Cooperativa, como o cinamomo argentino e a acácia negra, que são bastante adaptáveis a nossa região. Também está previsto a instalação de um viveiro para produção de mudas para atender o cooperado e outros interessados em reflorestamento. E, independente do cooperado, mas dentro de um projeto mais amplo de reflorestamento, o produtor poderá cultivar espécies nativas como o louro, a canafístula e o cedro que possuem rápido crescimento ou a erva-mate para a indústria.

## O desempenho da CCGL (em 86)

O desempenho da CCGL e as perspectivas de produção com garantia de mercado para o produtor. Estes os assuntos principais tratados no encontro da 5a. Região da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, da qual fazem parte a Cotrijuí, a Cotrimaio, Coperluiz, Comtul, Cotrirosa, Copatrigo e Cotrisa. Realizada no dia 26 de maio, na sede da Regional Pioneira, a reunião teve a presença da diretoria da CCGL, dos representantes da Cotrimaio, da Coperluiz, da Comtul, da Cotrirosa, do presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, do vice-presidente e do superintendente da Pioneira, Celso Sperotto e Antoninho Lopes (Conselheiro da CCGL).

Liderando a produção e o fornecimento de leite no Rio Grande do Sul, a CCGL fechou o ano de 86 com um resultado operacional de 135 milhões de cruzados, oriundos de um trabalho que reúne assistência técnica, qualidade e pesquisa e que pode ser traduzido pela média anual de 630 mil litros diários recebidos em todas as suas unidades industriais.

Também o desempenho de cada cooperativa associada a CCGL foi analisado durante a reunião. Dos 175 milhões de litros de leite recebidos pela CCGL durante o ano passado, a Cotrijuí participou com 24 milhões de litros, o que lhe conferiu o 3º lugar em volume de entrega, sendo ultrapassado apenas pelos 28 milhões da Coolan (2º lugar) e os 32 milhões da Cotrimaio (1º lugar).

## INCENTIVO

Procurando investir o máximo na área de produção, mas sempre a partir de recursos próprios, a Central quer intensificar a produção de leite, através de uma campanha de incentivos técnicos e financeiros para os produtores. Junto às informações técnicas, a CCGL pretende repassar recursos aos associados para a formação de pastagens e melhoria do plantel de gado leiteiro. Ainda na reunião, as cooperativas apreciaram o relatório da diretoria, e as perspectivas industriais, que estarão na pauta da assembléia geral, que acontecerá, no dia 26 de junho, em Porto Alegre.

SUPER ADITIVADA  
**Lona PLASCO**

Extra Forte  
Lona agrícola.  
**Protege muito mais.**

- Proteção às colheitas.
- Máquinas e implementos agrícolas.
- Silos e reservatórios.
- Represamentos.
- Revestimento de coberturas em canteiros de obras.
- Muitas outras utilizações.

Distribuidor exclusivo para a Região Sul.

**Nova Santa S.A.**

Máquinas e Ferramentas  
Fone (0512) \*42-5955 - Telex (51) 2490 BR - Porto Alegre - RS  
Procure o Revendedor de Sua Região

# Recebimento acima das previsões

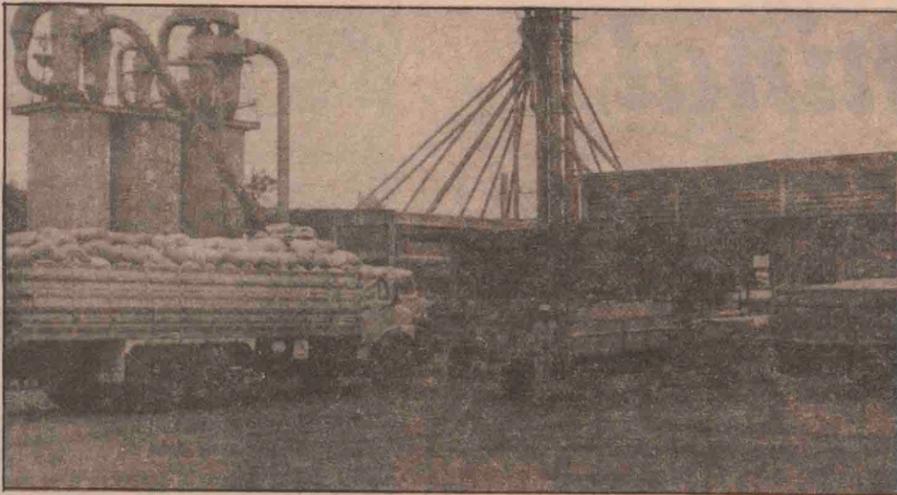
O recebimento do produto pela Cotrijuf na Regional Pioneira chegou a 279.570 toneladas.

"Tivemos uma safra excelente", comenta o vice-presidente da Cotrijuf na Regional Pioneira, Celso Sperotto, afastando de safra a idéia da supersafra tão amplamente alardeada na época da colheita. O recebimento de produto pela Cooperativa na região ficou ao redor de 279.570 toneladas "24,17 por cento acima da produção recebida na safra passada", complementa.

A participação do associado foi fundamental, segundo Celso Sperotto, fato que pode ser comprovado pelo volume de produção entregue e pela compreensão em relação aos problemas que ocorreram em função da entrada, de forma acumulada, de grande quantidade de produto úmido. "Foi uma situação nova vivida pela Cooperativa nesta safra, diz. Só como exemplo, podemos citar o movimento acontecido no dia 20 de abril, um feriado". Neste dia, entrou na Cooperativa, unidade de Ijuí, 760 cargas de produto. "Além do movimento ter sido recorde, a produção entregue estava com muita umidade, dificultando ainda mais as operações de descarga e secamento do produto". Mas todos estes pequenos imprevistos foram sanados rapidamente e o recebimento de produto normalizou. "O associado soube muito bem entender estas pequenas dificuldades, já que a sua participação não se resume apenas na entrega da produção, mas também na discussão de questões relacionadas com o dia-dia da Cooperativa", observa.

## SEM DIFICULDADES

Para o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuf na região, Clóvis Rorato de Jesus, o recebimento foi praticamente normal, embora reconheça que em certos dias o volume de produto úmido entregue tenha dificultado um pouco os trabalhos de operações. "Do dia 20 de abril a 03 de



Num só dia a Cotrijuf, em Ijuí, recebeu 760 cargas de produto

maio, assegura, trabalhamos 24 horas por dia para receber a produção dos associados". Como a capacidade de secagem não absorvia o volume de produto entregue úmido, foram adotados critérios e procedimentos fora das normas recomendadas, sem no entanto causar qualquer problema nos trabalhos de operações e muito menos interferir na qualidade do produto.

O recebimento total de grãos pela Cooperativa na Regional Pioneira ficou em 279.570 toneladas. O volume de soja recebido é superior em 23 por cento à produção do ano passado, ficando, portanto, dentro das estimativas feitas por ocasião da elaboração do orçamento da Regional. Esse volume só não foi um pouco maior em razão da estiagem que aconteceu em algumas regiões, onde a quebra na produção chegou a 30 por cento. Passada a estiagem que pegou a planta bem na época do florescimento e formação de grãos, o excesso de chuvas na colheita aumentou mais um pouco os prejuízos.

Mas de um modo geral, a quebra na produção da região, área de ação da Cotrijuf, deve andar ao redor dos oito por cento. Pode ser que esse percentual aumente ainda um pouco mais, segundo o diretor de Operações, depois que forem computadas as perdas por ocasião da chuva na colheita. "Certamente, observa, muito produto deve ter ficado na lavoura, já que a maioria dele foi colhido com excesso de umidade e as máquinas, como se sabe, são adaptadas para colher produto seco". A chuva também comprometeu um pouco a qualidade do produto, baixando o peso específico do grão.

Mais ou menos 70 por cento da produção de soja foi entregue com umidade. Outros cinco por cento apresentaram excesso de umidade — acima de 26 graus — e o restante do produto entregue estava seco. "O que ajudou a aumentar a umidade, explica o gerente de Operações da Unidade, agrônomo Alberto Parenti Filho, foi o fato do produtor não esperar a planta com-

pletar o seu ciclo de maturação para fazer a colheita".

## MILHO E SORGO

A Cooperativa também recebeu um volume bastante considerável de milho e sorgo e uma pequena quantidade de arroz. O recebimento de milho supera o volume do ano passado em 470 por cento e o do sorgo em 120 por cento. O milho e sorgo foram comercializados pela modalidade AGF. Alguns pequenos problemas de armazenagem aconteceram apenas na Unidade de Ijuí, onde a Cotrijuf, por ocasião da colheita, ainda mantinha em estoque trigo e milho da CFP.

Com a preocupação de produzir variedades de melhor aceitação no mercado, a Cotrijuf recebeu, nesta safra, 370.138 sacos de sementes de soja. Deste total, 100.725 sacos de sementes são das variedades de ciclo precoce, representando 27,2 por cento do total produzido. Das variedades de ciclo médio, o recebimento foi de 173.473 sacos, representando 46,9 por cento e 95.940 sacos das de ciclo tardio.



Celso Sperotto

## Semente de milho e sorgo

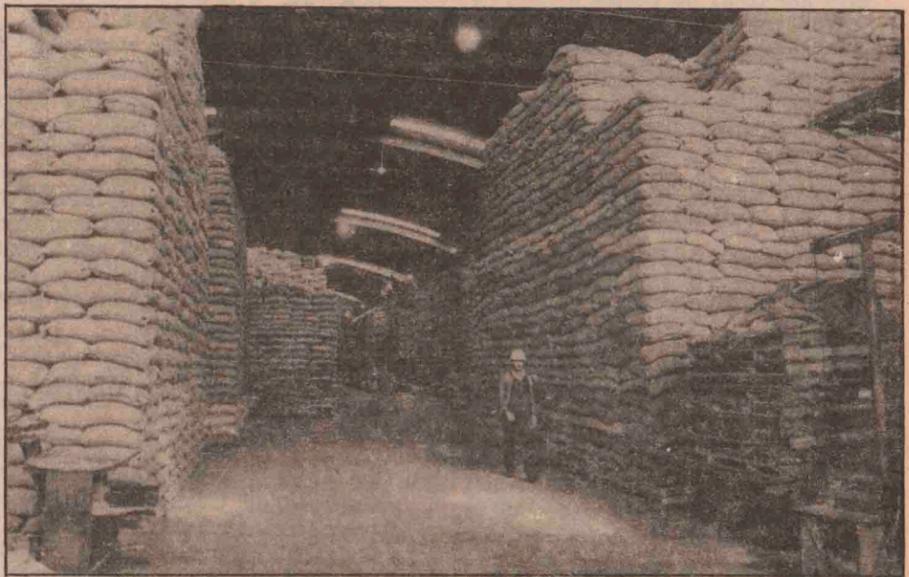
Num trabalho pioneiro, a Cotrijuf, a partir desta safra, passou a receber sementes de milho e de sorgo de seus associados. Este trabalho que começa a ser ampliado para todo o quadro social através da distribuição de um volume maior de sementes de cultivares de polinização aberta — não híbridas — tem como objetivo diminuir a dependência dos híbridos. A semente de milho que já começa a ser produzida pelo quadro social ocupou nesta safra passada uma área total de 580 hectares. O sorgo ocupou 50 hectares. Esse material, tanto de milho como de sorgo, teve seu comportamento avaliado pelo Centro de Treinamento da Cotrijuf.

O recebimento de semente de sorgo chegou a 16.500 quilos, da cultivar BR-007. As chuvas que caíram bem na época da colheita prejudicaram um pouco a qualidade do produto reduzindo, portanto, as estimativas de recebimento. "Houve alguns produtores, conta o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo e responsável técnico pela Ubs de Ijuí, que chegaram a perder 50 por cento da lavoura de sorgo". Apesar de todo o imprevisto, o volume de semente recebido foi muito bom, e se-

gundo o Francisco, vai proporcionar que uma maior quantidade de associados da região possa dispor desse material.

## META ALCANÇADA

O volume de sementes de milho recebido pela Cotrijuf, de cultivares não híbridas, chegou a 49.076 quilos. As cultivares plantadas pelos associados foram as Empasc — 151 e 152. A meta de recebimento de semente de milho foi alcançada e o comportamento desse material, mesmo a campo, foi considerado muito bom. A produtividade de alguns campos de produção de sementes alcançou resultados relativamente bons se comparados: com alguns híbridos", explica o agrônomo. Dessa forma, a Cooperativa terá à disposição de seu quadro social, para a próxima safra, uma boa quantidade de semente de milho de cultivares não híbridas. "A expectativa do produtor em relação a estes materiais, diz o Francisco, é muito grande, pois além da qualidade garantida, ele vai trabalhar com materiais produzidos pela Cooperativa e, portanto, com custos mais baixos, quando comparados com os híbridos".



O recebimento de semente de soja foi de 370 mil sacos



QUEM PLANTA JÁ COMPAROU.

**Braskalb**

**SEMENTES DE MILHO,  
SORGO E GIRASSOL  
HÍBRIDOS.**

Tecnologia Mundial em Sementes

Escritório Central: Rua Visconde de Taunay, 321  
Cx. Postal 1741 - Telex 0191334 - BK BC BR  
13023 - Campinas - SP - PABX: (0192) 32.4599

# O desempenho do Terminal

O Terminal da Cotrijuf exportou em 14 anos, 21 milhões de toneladas

A demanda de grãos — sólidos e líquidos — prevista para o porto de Rio Grande em 1987, num período útil de nove meses (abril-dezembro), é de 4 milhões 610 mil toneladas. Segundo o Grupo Executivo para Movimentação de Safras — GREMOS, o porto tem condições plenas para movimentar a referida tonelagem no período citado.

Conforme ficou acertado quando da reunião anual de programação do escoamento da safra agrícola 86/87, na sede do Escritório Regional Sul da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes — GEIPOT, em Porto Alegre, no começo de abril, a movimentação deve obedecer os volumes respectivo calendário, em milhares de toneladas, de acordo com o quadro abaixo.

Do volume geral conforme vê-se pelo quadro, cerca de um terço do total constitui-se de soja em grão, e será totalmente movimentado pelo Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", de propriedade da Cotrijuf.

É de 220 mil toneladas a capacidade estática do Terminal da Cotrijuf, que lhe proporciona uma dinâmica de cerca de 350 mil toneladas. No momento, essa é a maior capacidade, tanto estática quanto dinâmica, do porto riograndino, cuja capacidade estática para grãos é de 600 mil toneladas.

Também no que se refere à diversificação de espaços, o terminal da cooperativa oferece maiores opções, por estar implantado com um total de oito armazéns de portes médios, com 27.500 toneladas cada um. O porte físico dessas unidades (oito), pode proporcionar uma oferta ainda maior de espaços personalizados, com a implantação de divisórias, fáceis de serem adaptadas.

## SOJA, TAMBÉM DO PARAGUAI

Para o gerente regional do Grupo Executivo de Movimentação de Safras — GREMOS, órgão vinculado ao Ministério da Agricultura, o Terminal da Cotrijuf no superporto de Rio Grande é "a garantia da eficiência mais do que comprovada". Carlotto Washington Bica, que é engenheiro, diz que o Terminal "Luiz Fogliatto", que foi pioneiro como "terminador de carga" no Rio Grande do Sul, em navios de grande porte, ainda no início da década de 70, continua contribuindo hoje com mais de 80 por cento no carregamento de grãos para exportação.

O técnico enalteceu a praticidade do complexo Cotrijuf, no porto, que oferece várias opções aos exportadores. Ressaltou que neste momento os graneleiros estão guardando trigo, soja — própria da cooperativa e de terceiros, inclusive produto do Paraguai — e farelo. É previsto que haverá a movimentação de 1.200 mil toneladas, sendo um milhão de toneladas de soja em grão e 200 mil toneladas de trigo para o Norte e o Nordeste. O engenheiro considera o terminal num estágio que se iguala aos mais eficientes do mundo, em sua categoria. Recebe e expede produtos com a mesma eficiência, em suas três modalidades operacionais: rodo-ferro-hidroviário, em transbordos simultâneos para navios de elevada capacidade de carga e longo curso. Carlotto Washington Bica finalizou, dizendo que é uma tranquilidade saber da existência do terminal da Cotrijuf, em Rio Grande

## O PRIMEIRO EM ÁGUA PROFUNDA

O presidente do Centro de Navegação Rio-Grandense, Carlos Helmut Kopittke, ponderou que o terminal, tendo sido um marco de pioneirismo há 15 anos atrás (foi o primeiro a ser construído em águas profundas), continua sendo muito eficiente na atualidade. Segundo ele, além de ser um embarcadouro de grãos de singular importância para o Rio Grande do Sul e sul do país, oferece também a vantagem aos exportadores, de personalizar as diferentes cargas.

Carlos Kopittke entende que nessa característica, bastante rara em terminais particulares do país, a Cotrijuf pode tomar-se ainda mais eficiente na prestação de serviços, dividindo espaço nos diversos armazéns e sublocando para terceiros.

Quando ao cuidado com as cargas e ritmo de carregamento, diz que não fica nada a desejar. O pier está localizado em lugar privilegiado, onde existe um calado médio de 37 a 38 pés, o equivalente a mais de 11 metros, suficiente à maioria dos navios que atracam em Rio Grande.

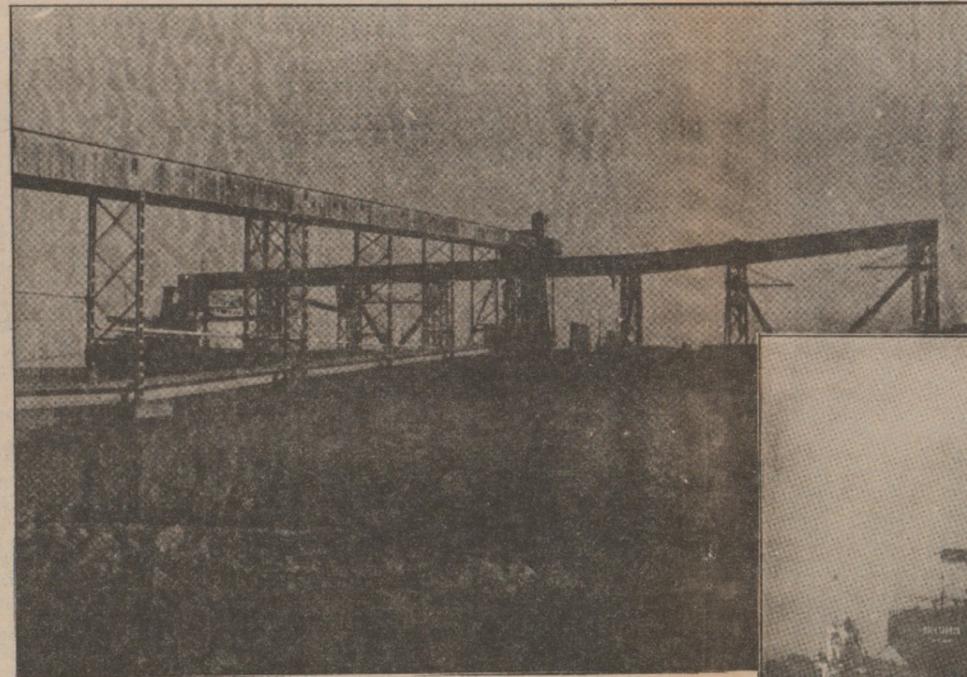
O Centro de Navegação Rio-Grandense, entidade presidida por Carlos Kopittke, é um órgão de apoio às exigências de navegação de cabotagem. Segundo consta, durante todos esses anos de operação do terminal graneleiro, ele tem desempenhado o seu trabalho com o máximo de eficiência. Basta dizer que em 15 anos, praticamente não sofreu paralisação, o que demonstra que é bem administrado, finalizou o empresário.

## O TERMINAL E A NAVEGAÇÃO FLUVIAL

Para Romar Demétrio Vanzin, da R. D. Vanzin Representações, o terminal da Cotrijuf é fundamental, principalmente para grãos como o trigo e a soja, pela boa manobrabilidade de seu equipamento, infra-estrutura geral e treinamento do pessoal. Vanzin trabalha mais é com a navegação fluvial e lacustre, e com maior impulso na exportação de farelo.

Representa empresas industriais das regiões do Vale do Jacuí, de Veranópolis, São Luiz Gonzaga, Guarani das Missões e Cachoeira do Sul. Em 1986 ele exportou pelo terminal da Cotrijuf, mais de 684 mil toneladas de farelo de soja. Nunca teve qualquer problema, diz. E pelo contrário, o serviço sempre foi feito com o máximo de zelo e rigorosamente dentro dos prazos previamente estabelecidos.

Demétrio Vanzin foi, no passado, gerente do setor operacional do



Pelo Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto deverão sair 1,5 milhão de toneladas de grãos nesse ano (foto ao lado). Um barco carregado de grãos para Hamburgo, na Alemanha (foto abaixo)



terminal, de onde saiu para fundar sua própria empresa. Diz que por conhecer bem a dinâmica operacional do terminal e os critérios de trabalho dos dirigentes da cooperativa de Ijuí, é que procurou trabalhar com ele, o que vem fazendo desde então. Mas fez questão de destacar que o porto riograndino está altamente profissionalizado, pois os outros terminais também operam bem.

## PRESTÍGIO DA COTRIJUF NA ÁREA PORTUÁRIA

Paulo Roberto Pedone é confe-rente de cargas nos navios que atracam no pier da Cotrijuf. É credenciado pelo Sindicato dos Armadores quando do recebimento de produtos e pelo Sindicato dos Estivadores e Conferentes, quando os produtos são carregados para fora do estado ou para outros países.

Muito conhecido na área portuária, principalmente na Quarta Seção da Barra, onde está localizado o terminal da cooperativa, Paulo Pedone afirma que tem tido muitas satisfações trabalhando para a Cotrijuf.

Diz que há um vínculo de amizade muito grande entre o pessoal da cooperativa e a ala marítima, e esses vínculos têm se acentuado nos últimos anos. Ele não tem conhecimento de nenhum litígio entre a administração da Cotrijuf e o pessoal da área portuária. O ambiente de trabalho é excelente. O pessoal de estiva tem sempre muita satisfação em ser destacado para trabalhar nos navios ancorados aqui, finalizou o Pedone.

## ROTINA DO TERMINAL É O TRABALHO

Consciente da responsabilidade assumida pela alta direção da Cotrijuf, na reunião realizada em abril, em Porto Alegre, envolvendo todos os órgãos responsáveis pelo transporte da safra agrícola do Estado, o gerente do terminal, Bolívar de Souza Lima, não deixa transparecer maiores preocupações. Ele se limita em dizer que a rotina do terminal é o trabalho, e que não vai ser desta vez que irá falhar em sua missão.

Caso não ocorram fatores estranhos, que fujam ao controle administrativo do terminal, Bolívar não tem dúvidas que a Cotrijuf dará conta do recado, conforme vem ocorrendo há cerca de 15 anos, quando o complexo portuário cooperativo foi inaugurado.

É claro que riscos estranhos ao controle administrativo do terminal, sempre podem ocorrer. Por exemplo, no início do mês de maio, uma greve de caminhoneiros interrompeu por mais de dez horas o descarregamento de grãos. Os grevistas queriam reajustes nos valores recebidos por hora parada. O problema, que não é da Cotrijuf, mas das empresas exportadoras que contratam os caminhões, acaba também por criar problemas ao terminal, que tem seu ritmo de trabalho alterado. Outro problema é a possibilidade do excesso de chuvas ocorrentes no inverno, que paralisa o carregamento de navios.

Bolívar diz que até julho — mês em que a exportação de soja deve alcançar seu pico máximo — o maior volume a ser embarcado será de soja em grão. Prevê que deverão sair até setembro, pelo terminal, 1,5 milhão de toneladas do produto, em grão. A previsão de colheita está orçada em 5,8 milhões de toneladas no Estado. Deduzindo-se umas 400 mil toneladas para semente, 300 mil com saída para outros estados e 3,6 milhões de toneladas para esmagamento intemo, restam 1,5 milhão para exportação. É sobre esse esquema de tonelagem que o terminal está preparado para atuar, concluiu Bolívar.

Produtos	Soja	Farelo	Óleo	Trigo	Cevada	Total
Abril	70	200	10	150	25	455
Maio	300	280	40	100	—	720
Junho	430	400	50	50	15	945
Julho	500	450	60	—	—	1.010
Agosto	200	350	30	—	15	595
Setembro	100	250	20	—	—	370
Outubro	—	200	10	—	15	225
Novembro	—	150	—	—	—	150
Dezembro	—	120	—	—	20	140
Total por produto	1.600	2.400	220	300	90	4.610

## A visita do presidente do Banco do Brasil

O presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, que esteve no Estado de 13 a 16 de maio último, cumprindo uma série de compromissos oficiais em vários municípios, programou duas visitas fora de programa, para observar unidades do complexo cooperativo Cotrijuf. A primeira delas aconteceu em Rio Grande, onde visitou o Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", na Quarta Seção da Barra. A segunda foi em Dom Pedrito, tendo visitado a Regional local da cooperativa.

No terminal de Rio Grande, o presidente do Banco do Brasil e sua comitiva foram recepcionados pelo presidente da Cotrijuf, economista Oswaldo Olmiro Meotti, que se deslocou de Porto Alegre com esse fim, e pelo gerente do terminal, Bolívar de Souza Lima, além de outros diretores e pessoal técnico local.

Camilo Calazans, que se fazia acompanhar do superintendente do banco no Estado, Jaime Hilário Mayer; do superintendente em Santa Catarina, Antônio Abrahão Chailta; superintendente do banco no Estado de Sergipe, Antônio José de Souza, e de seu chefe de gabinete, Heleno Fonseca de Lima, foi levado a percorrer as instalações do terminal, quando, inclusive, presenciou a atracação de



Camilo Calazans e sua comitiva acompanhados por Oswaldo Meotti

um navio destinado ao carregamento de trigo.

Posteriormente, na sala de reuniões do terminal, o presidente da Cotrijuf fez uma palestra onde mostrou, apesar de que em forma reduzida, a infra-estrutura e o desempenho do terminal em seus 14 anos e meio de atividades. Meotti apresentou dados estatísticos, onde foi visto que já passaram pelas correias do pier, desde a sua fundação até o dia 14 último, 20 milhões e 972 mil toneladas de produtos, a uma média de 1 milhão e 446 mil toneladas por ano.

O presidente do Banco do Brasil, que da mesma forma que seus acompanhantes, demonstrou muito interesse pelo terminal, assistiu ainda a projeção de um filme documentário sobre a Cotrijuf, onde aparecem suas diversas unidades localizadas no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

## Problemas de manutenção

O porto de Rio Grande, no seu conjunto, tem problemas. Eles são de natureza grave e têm urgência de solução. Quem adverte é o presidente da Associação Profissional das Entidades Estivadoras, José Roberto Teixeira. Mas ele deposita esperanças no novo administrador do porto, o economista João Neval Nery, um antigo funcionário do Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais, destacado agora para administrar o importante porto marítimo. Também deposita fé no ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, que em visita feita a Rio Grande, tomou conhecimento dos problemas portuários, de uma maneira geral.

Para José Roberto Teixeira, empresário diretor da firma Wilson & Sons, em Rio Grande, os problemas mais prioritários de nosso único porto de mar, podem ser divididos em três categorias: mecânicos, pessoais e políticos.

O primeiro deles relaciona-se com a necessidade de recuperação do equipamento portuário, carente, inclusive, de peças de reposição. A segunda questão refere-se a pessoal, que em seu entender, deve ser mais preparado, inclusive psicologicamente, para o desempenho das tarefas na orla portuária. O empresário entende que o pessoal de estiva "precisa entender que os equipamentos mecânicos são para auxiliar na mão-de-obra, e devem ser manobrados com o devido cuidado. Mas isso, lamentou, quase nunca aconteceu". Ele acha também que deve ser modificado o critério da fixação de salários por categorias, onde há muita disparidade. Disse que a diferença de salário de um estivador para um capataz de estiva, por exemplo, é exagerado. E isso gera descontentamento entre os trabalhadores. Apesar do rodízio, e de que o estivador de hoje pode ser o capataz de amanhã, entende que ainda assim, há muita diferença, diz o dirigente.

Além disso, cerca de 50 por cento dos equipamentos portuários estão paralisados há tempos, por falta de peças de reposição. No caso dos guindastes, de um total de 34, 14 estão sem possibilidades de operar. Mas ele diz confiar em soluções a curto prazo, pois é evidente que o porto não pode parar. Disse que até condicionou a aceitação do cargo ao atendimento dos problemas mais imediatos do porto.

Quando ao terminal da Cotrijuf, disse que este é a imagem e a personificação da eficiência, enfatizando "que o êxito do porto passa também pela Cotrijuf", finalizou João Neval Nery.

Quanto ao terminal da Cotrijuf, disse que este é a imagem e a personificação da eficiência, enfatizando "que o êxito do porto passa também pela Cotrijuf", finalizou João Neval Nery.

## MELHORAMENTOS NO PORTO SÓ NO FUTURO

O coordenador da Comissão de Fiscalização das obras do Superporto e do Porto Novo — COESPE/RS, engenheiro José Leni Krusser, disse que não há nenhuma obra planejada, a curto prazo, pela Petrobrás, para o porto de Rio Grande. Com exceção de um ante-projeto de ampliação do Terminal de Containers (Contecon), que está no departamento de engenharia, em Brasília, nada mais está sendo considerado. Apesar das necessidades que reconhece existirem, o engenheiro Krusser

ser argumenta com a falta de recursos para obras.

Mesmo a obra, já planejada, do Contecon, ele não vê possibilidade de que venha a ser iniciada neste ano, pois sequer foi feita licitação para contrato dos trabalhos.

## DEPREC ESPERA OBRAS A CURTO PRAZO

Mas o novo administrador do porto, economista, João Neval Nery, está otimista. Confiar que as autoridades federais ligadas a Portobrás, não deixarão de atender as necessidades mais urgentes de nosso único porto marítimo.

Disse que quando da visita feita recentemente ao porto, pelo ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, apresentou um dossiê com toda a documentação e a minúcia das necessidades do porto, que é administrado pelo Deprec. O custo dessas obras, disse Neval Nery, montam a 570 milhões de cruzados, sendo que as necessidades mais imediatas são, carretas para transportar container, pás-carregadeiras, autoguindastes, empilhadeiras e caminhões.

Além disso, cerca de 50 por cento dos equipamentos portuários estão paralisados há tempos, por falta de peças de reposição. No caso dos guindastes, de um total de 34, 14 estão sem possibilidades de operar. Mas ele diz confiar em soluções a curto prazo, pois é evidente que o porto não pode parar. Disse que até condicionou a aceitação do cargo ao atendimento dos problemas mais imediatos do porto.

Quando ao terminal da Cotrijuf, disse que este é a imagem e a personificação da eficiência, enfatizando "que o êxito do porto passa também pela Cotrijuf", finalizou João Neval Nery.

## PROGRAMADOS NOVOS MELHORAMENTOS

O terminal da Cooperativa Regional Tríticola Serrana Ltda., não dorme sobre os louros conquistados. Já está se preparando para implantar melhoramentos em sua infra-estrutura básica e de apoio.

Segundo o gerente técnico, Ivo Rasia, que acompanha a vida do terminal desde sua fundação, em 1972, estão sendo feitos estudos para modernizar e ampliar a dinâmica em descarregamento de chatas e navios. Estudos preliminares já foram feitos, inclusive quanto ao investimento. Rasia antecipa que, com o melhoramento, o transbordo de cargas em navios passará de 200 para 500 toneladas por hora.

Também vai ser melhorado o sistema de manutenção do terminal, com obras na próxima entressafra, pois agora é impossível parar. Os melhoramentos serão feitos com material de primeira qualidade.



José Roberto Teixeira



João Neval Nery

# Em sintonia com a Unidade

Quando a Cotrijuf instalou o primeiro armazém graneleiro, com capacidade para 62 mil toneladas de produto em Vila Jóia, existia no lugar apenas um pequeno agrupamento de casas, algumas ruas sem calçamento e nenhuma agência bancária. Qualquer tipo de operação com bancos tinha de ser feito em Tupanciretã — distante 78 quilômetros —, em Ijuí ou Augusto Pestana.

Em 15 anos de Cotrijuf na região, a vila se transformou em cidade e a Cooperativa construiu mais um armazém para sementes com capacidade para sete mil toneladas de produto. O quadro social passou de 400 para 728 e os investimentos tiveram prosseguimento em 78, quando foi construído um pequeno prédio de alvenaria para o refeitório, utilizado, em seguida, para abrigar a loja e o mercado. "A instalação de uma unidade recebedora de produto em Vila Jóia, explica Arthur Bazzan, 60 anos e primeiro funcionário da Cooperativa na localidade, "representou um grande desafio para aqueles produtores que eram obrigados a entregar a produção em Ijuí ou Tupanciretã".

## DUAS REGIÕES DISTINTAS

A área agricultável do município de Jóia chega a 45 mil hectares. O lado sul do município é ocupado pelos campos, onde aparecem as lavouras integradas com a pecuária de corte e a ovinocultura. Na região da colônia, onde estão as pequenas propriedades, as culturas predominantes ficam por conta da soja, do trigo, do milho, o feijão, o arroz, o leite, o suíno e as forrageiras.

Em torno de 640 associados da Cotrijuf na região são classificados como minis e pequenos produtores. 81 são médios e grandes. A soja é a principal cultura e, na última safra, chegou a ocupar 32 mil hectares. A ervilhaca ocupou 3.520 hectares; o arroz 300 hectares; o sorgo 600 e as forrageiras — inverno e verão — 17 mil hectares. O rebanho bovino chega a 48.168 cabeças e o de suínos a 8.700 cabeças.

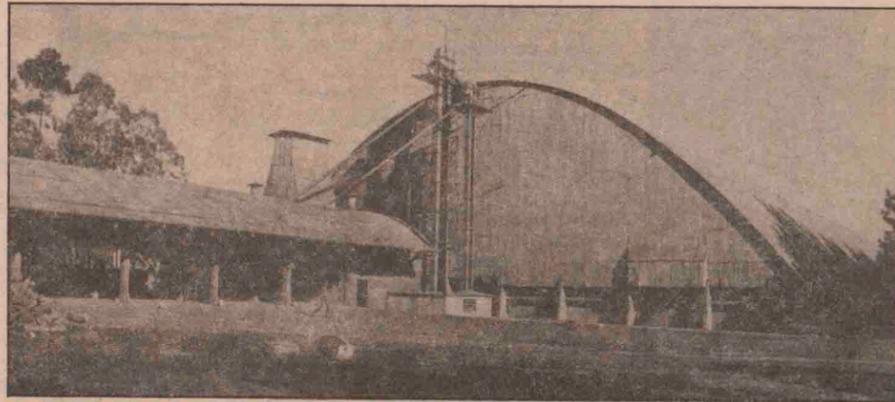
O recebimento de soja pela Cooperativa no município chegou a 440 mil sacos nessa safra e o de lã, a 40 toneladas. A produção de milho ficou em 25 mil sacos. O maior recebimento de soja, no entanto, foi registrado em 77, quando foram entregues 870 mil sacos de produto na Unidade. "Os armazéns, conta Arthur Bazzan, ficaram cheios de ponta a ponta".

Aproximadamente 200 produtores estão envolvidos na atividade leiteira e outros 26 no programa cooperado de suínos. No ano passado foram entregues 386 suínos e a estimativa é de que 87 feche com 450 suínos. A ovinocultura é uma idéia nova dentro da Cooperativa que apenas de uns três anos para cá começou a receber lã de forma estruturada. Além da assistência técnica, os produtores envolvidos na atividade estão sendo orientados no sentido de encararem a ovinocultura como mais uma opção rentável dentro da propriedade. O mesmo acontece com o rebanho bovino. "É um potencial muito grande a ser explorado", diz Valter Colombo, gerente da Unidade. "O que está faltando, complementa, é incentivo e um trabalho mais direto nessa área de produção animal".

## EM SINTONIA

Colombo considera o quadro social bastante politizado e consciente de que o cooperativismo, dentro da situação atual, é a melhor alternativa para o agricultor comercializar a sua produção. "Temos um quadro social em sintonia com a Unidade e sempre atento aos problemas relacionados com a Cooperativa", diz ainda. No entendimento das questões ligadas diretamente com a Unidade, Colombo conta com a colaboração do conselho de representantes, "sempre atuantes e dispostos a trabalhar pela Cooperativa".

Justamente no sentido de procurar atender melhor o quadro social, é que a gerência vem colocando alguns investimentos como prioritários. Estes investimentos, segundo o Colombo, não passariam de pequenas adaptações para permitir o recebimento de



O armazém graneleiro

outros produtos além da soja e do trigo. A colocação do sistema de aeração nos armazéns vai permitir o recebimento de produto úmido, enquanto que a instalação de divisórias vai estruturar melhor a Unidade no sentido de receber sementes de outros produtos, como de forrageiras, por exemplo. A construção de um prédio para o mercado e a loja é uma outra prioridade. "Temos falta de mercadorias, explica o gerente, mas não temos como suprir essa deficiência por falta de espaço físico".

## AS FEIRAS

Desde julho do ano passado a gerência da Unidade vem reservando um espaço, no pátio da Cooperativa, para que os associados possam comercializar, diretamente com o consumidor, os produtos excedentes na propriedade. As Feiras de Produtos Coloniais são realizadas a cada mês, envolvendo dois núcleos de cada vez. Segundo a Carmem Simon, educadora da Unidade, elas também servem para que o produtor organize melhor a sua produção diversificada. "As Feiras vêm tendo boa aceitação e, aqueles produtos que não são comercializados no dia, são colocados no mercado da Uni-



O mercado em São Pedro

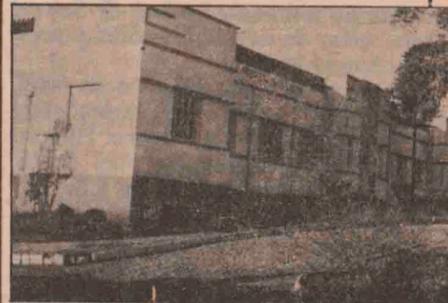
dade.

Na área de saúde, a gerência da Unidade tem sob a sua responsabilidade a co-administração do Hospital Santa Libera. A Cotrijuf também participa das discussões da Comissão Municipal de Saúde.

## O hospital da comunidade

A Associação Protetora Hospital Santa Libera foi fundada em 1952, na época em que Jóia não passava de uma pequena vila, mas com aspirações de tornar-se um município independente. De seis anos para cá, a Cotrijuf, através da Unidade local, vem participando da administração do hospital, que de qualquer maneira, continua pertencendo a comunidade.

Integram o quadro clínico do hospital dois médicos, um laboratorista e uma enfermeira responsável pela equipe de atendentes. Com capacidade para 18 leitos, o hospital passa por uma reforma e ampliação de seu espaço físico. Novos leitos, salas de RX e cirurgias deverão ser construídos com recursos levantados pela própria comunidade. "A participação da comunidade, assegura Valter Colombo, gerente da Unidade, tem sido fundamental para a manutenção do hospital, que já não estaria funcionando se continuasse apenas na dependência dos recursos provenientes de convênios com o Inamps".



A Cotrijuf ajuda na administração

## O começo por São Pedro

A história da instalação de uma unidade de recebimento de produtos na localidade de Vila Jóia, até então um distrito de Tupanciretã, passa primeiro pela vila de São Pedro. Para contar esta história, nada melhor do que o agricultor Arcangelo Furlan, hoje com 91 anos, mas o líder do movimento que levou a Cotrijuf a instalar um postinho em São Pedro. A instalação aconteceu em 22.10 de 1965. A própria comunidade inserida em meio a uma vila forte e enriquecida pela presença de uma fábrica de sabão, curtume, escola, Igreja e dentista, se encarregou de arrendar uma casa onde a Cotrijuf instalou o seu primeiro postinho. "Era um bolichão, onde se vendia de tudo, desde roupas e tecidos até gêneros alimentícios. A Cooperativa, por seu lado, comprava a soja dos agricultores da região e levava para Ijuí", conta entusiasmado o seu Arcangelo. Alguns anos mais tarde, os mesmos associados se cotizaram e compraram um lote onde construíram uma casa, e que hoje continua abrigando o mercado e loja da Cotrijuf. O mercado da Cotrijuf, na época, era o que tinha de mais forte na região. "Vinha gente de todos os lugares, até do outro lado do rio Ijuizinho, para fazer compras no bolichão", conta.

Seu Arcangelo não trabalha mais na lavoura. Ao completar 60 anos de idade, dividiu suas terras, num total de 13 colônias, entre seus 10 filhos. Hoje ele só tem a



Ângelo Pillat



Seu Arcangelo e dona Clementina

lamentar que "outros interesses tenham atrapalhado o crescimento da vila de São Pedro que já perdeu a fábrica de sabão e o curtume e agora está na iminência de perder o pároco da Igreja. "Depois que a Vila Jóia se transformou em cidade, muita gente foi embora de São Pedro", lamenta.

## O PRIMEIRO E O SEGUNDO

A primeira e a segunda carga de soja entregue na unidade de Vila Jóia foi do seu Antônio Pillat, proprietário de 160 hectares de terra distribuídos pelas localidades de Cará, Coronel Lima e São Pedro. O seu Ângelo não lembra o dia da entrega das duas cargas, mas não esquece os prêmios que recebeu. Pela primeira carga entregue, ele recebeu uma dúzia de latas de azelite Mucama. Pela segunda carga, recebeu mais meia dúzia. "Era azelite que

não acabava mais, conta ele. Foi obrigado a fazer alguns presentes, pois na época se usava mais a gordura de porco".

Quando entregou a primeira carga na unidade de Jóia, seu Ângelo já era associado da Cotrijuf e costumava entregar a sua produção de soja em Ijuí. O trigo ele entregava nos armazéns do governo, em Júlio de Castilhos. Na época plantava pouco e fazia o transporte de carroça, só mais tarde é que comprou um caminhão Dodge 400. Ele acha que a instalação de uma Unidade em Jóia veio para beneficiar o associado. "Ficou muito mais fácil para o agricultor", diz. Se não tivesse a Unidade, onde que o associado ia entregar produto úmido e ainda por secar? Nessa safra, por exemplo, entreguel apenas uma carga seca. O resto da produção foi colhida com umidade".

# 5 anos de emancipação

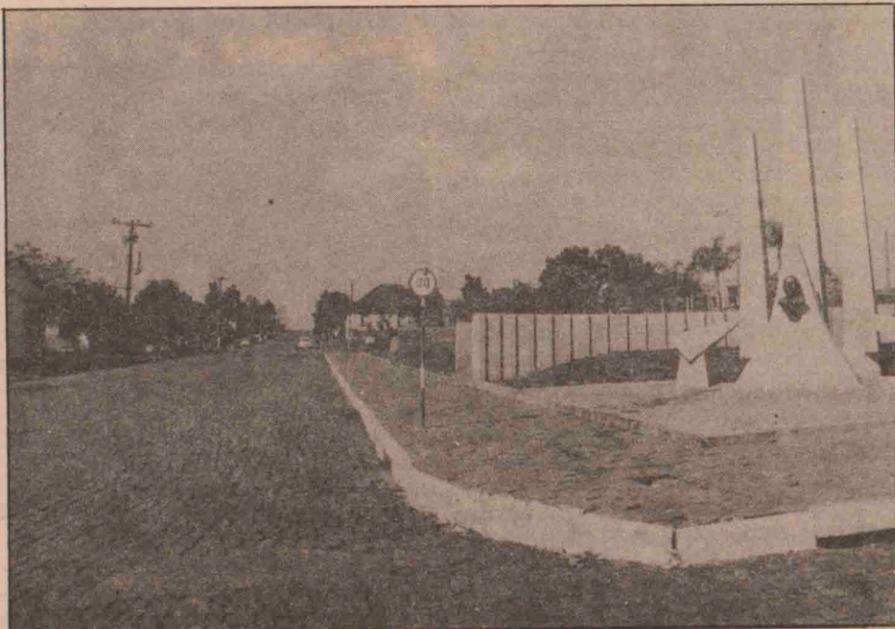
Jóia completou nesse mês de maio, cinco anos de emancipação política e econômica. Distante a 530 quilômetros de Porto Alegre e 45 de Ijuí, Jóia possui ainda hoje a mesma população da época da emancipação, ocupando uma área de 1.003 quilômetros quadrados de extensão. Por quase 20 anos Jóia lutou pelo seu desmembramento do município de Tupanciretã, do qual era vila desde 1928. O primeiro movimento de emancipação aconteceu em 1962, mas o povo disse "não". Pesou fortemente a opinião do distrito de São Pedro que na época disputava a hegemonia do interior de Tupanciretã e no dia preferiu optar pelo "não".

Vinte anos mais tarde, em 1982, Vila Jóia foi submetida a um novo plebiscito, só que desta vez, além do apoio do prefeito da época do município de Tupanciretã, levou também o "sim" de São Pedro, que nestas alturas, já não colocava mais em dúvidas a necessidade da emancipação política. Com o apoio de São Pedro, um forte reduto, Jóia foi elevada a categoria de município com 1.643 votos a favor e 324 contra. Mas as surpresas continuaram acontecendo. Na primeira eleição municipal, os dois candidatos que disputavam a Prefeitura e por ironia pertenciam ao mesmo partido político, tiveram a mesma quantia de votos. A solução foi resolver a questão na base da idade e, Jandir Andreatta, mais velho que Carlos Fontana, o outro candidato, foi empossado como primeiro prefeito do município de Jóia.

## PODIA SER ANTES

"Foi uma pena que a emancipação política não tivesse acontecido há 20 anos atrás, por ocasião da realização do primeiro plebiscito, resume o prefeito Jandir Andreatta. Teríamos hoje um município melhor estruturado". Para um município que começou do nada, segundo o prefeito Jóia já anda longe e conta hoje com todas as ruas do centro da cidade calçadas, cerca de cinco mil metros de rede de água e quatro poços artesianos na cidade e dois no interior. Bem no centro da cidade, uma praça, ainda por inaugurar e que leva o nome de Marcial Terra.

A sede do município conta com cerca de 300 casas, centro telefônico, água encanada, uma agência de Correios, uma Delegacia de Polícia, Brigada Militar, Inspetoria Veterinária, duas agências bancárias, o Hospital Santa Líbera, construído há mais de 30 anos, seis escolas estaduais, 17 municipais e várias empresas comerciais. Mas a maior parte da receita do município é garantida pela produção primária,



A praça Marcial Terra ainda por inaugurar

ria, onde a soja é o carro-forte, seguida pelo trigo, e o milho. A pecuária de corte e a ovinocultura também dão a sua contribuição para a receita do município.

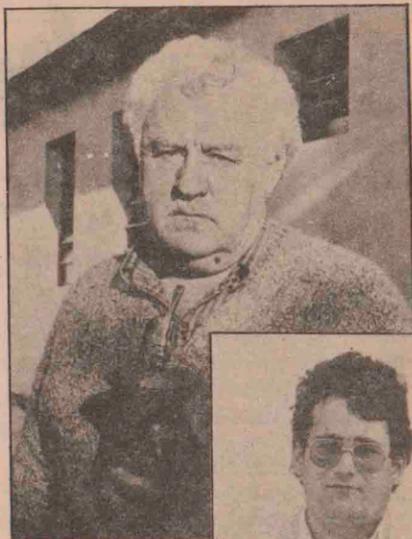
É verdade, segundo Jandir Andreatta, que começar do nada é um tanto difícil, mas acha que de qualquer forma ser o primeiro prefeito de um município tem as suas vantagens. Conta que iniciou o seu mandato com máquinas emprestadas. "Nada se podia comprar, nem mesmo uma enxada, pois a receita do município nesse primeiro ano dependia do orçamento de Tupanciretã", diz ele. O parque de máquinas da Prefeitura, segundo o secretário da Fazenda, Arlindo Fritzen, conta hoje com duas motoniveladoras, um trator carregador, uma retro-escavadeira, seis caminhões, um trator esteira, um rolo compressor, entre outros veículos. "Todo esse maquinário, diz Arlindo Fritzen, nos permite manter em conservação os 800 quilômetros de estradas do município".

Com o retorno da arrecadação em apenas 0,147.103 por cento do total de imposto arrecadado pelo município e um orçamento totalmente defasado em razão da disparada da inflação, Jóia já começa a enfrentar problemas financeiros. Mas de qualquer forma, o prefeito Andreatta tem al-

guns projetos que considera prioritários e que deverão ser executados até o final de seu mandato. A médio prazo, pretende construir um Centro Administrativo onde deverão ser instalados a Prefeitura, a Câmara de Vereadores, as Secretarias Municipais, a Delegacia de Polícia, a CRT, a Inspetoria Veterinária e a Exatoria. De imediato, pretende construir a garagem municipal e uma oficina. "O problema são os recursos para estas obras", complementa o Secretário da Fazenda".

## EDUCAÇÃO: A PRIORIDADE

A prioridade do prefeito Andreatta tem sido a educação. No ano passado foi implantado no município um trabalho pioneiro de ensino no meio rural — o Proespo, Proposta de Escola Pólo — que faz um trabalho de resgate dos valores e costumes destas crianças que moram no meio rural. Além das aulas teóricas, as crianças da 1a. a 8a. séries recebem aulas de práticas domésticas e agrícolas. "O nosso pensamento, diz o prefeito, é o de construir uma Escola Agrícola, que seria a continuidade desse trabalho das escolas Pólo, hoje em duas em todo o município. Mas dependemos de uma área de terra e de recursos. Essa é uma obra que não sei se conseguirei concluir", lamenta.



O prefeito Andreatta (em cima) e o secretário da Fazenda, Arlindo Fritzen (ao lado).



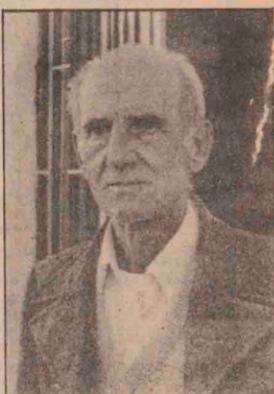
## O município cresceu nesse tempo

Clemente Fontana, o mais antigo comerciante de Jóia, não tem nenhuma dúvida de que o município cresceu bastante nestes últimos cinco anos. "A própria emancipação política por si só, justifica, já é motivo para desenvolvimento. Jóia tem agora um ar de cidade". Seu Clemente sempre foi um líder atuante na região, chegando, inclusive, a liderar o primeiro movimento de emancipação política do município levado a efeito em 1962. "Fui o líder desse movimento, admite, mas infelizmente fui derrotado. Quem saiu perdendo foi a própria vila que só conseguiu sua emancipação 20 anos mais tarde.

Sem deixar de reconhecer o progresso do município, seu Clemente lembra que muito do que hoje existe e está instalado na cidade foi conseguido na época em que Jóia não passava de uma simples vila. É o caso da agência do Banco Bradesco. Já a Inspetoria Veterinária, a Delegacia de Polícia e a agência do Banrisul foram instaladas na cidade antes da realização da primeira eleição municipal ou seja, pela Comissão de Emancipação.

Mas se a cidade cresceu neste meio tempo, a atividade comercial,

no entanto, permaneceu totalmente estagnada. "O comércio da cidade se resume no mercado da Cotrijuí e na minha loja que venho mantendo sóde teimoso".



Clemente Fontana

### OBTENHA MAIS LUCRO COM OS EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS

**CREMASCO**

- Colhedora e Picadora de Forragens
- Desintegrador de Forragens
- Forrageira-Ensiladeira
- Batedeira de Cereais

Distribuidor Exclusivo para a Região Sul.

## Nova Santa S.A.

Máquinas e Ferramentas  
Fone (0512) \*42-5955 - Telex (51) 2490 BR - Porto Alegre - RS  
Procure o Revendedor de Sua Região

**COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS LTDA**

A SERVIÇO DA COTRIJUI E DE SUAS SUBSIDIÁRIAS

— Seguros Residenciais; — Seguros de Vida em Grupo e Acidentes Pessoais; — Bilhete Obrigatório.

Maiores informações: Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone: 332-3765 ou 332-2400, ramal 364.  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar - Fone: 21.08.09.

# O base larga em equipe

Através da conservação do solo em microbacias, produtores de Santo Augusto avançam os limites de propriedades, projetando o trabalho para além dos terraços.

A construção de terraços de base larga em uma propriedade, integrando todo um trabalho de conservação de solos, já é um investimento para muitos anos, porém, quando o trabalho atinge várias propriedades os resultados duplicam. Esta experiência comunitária, através de conservação do solo em microbacias está sendo realizada em Santo Augusto, desde 85, quando mais de 25 produtores, assessorados pela Cotrijornal e Emater resolveram estender o base larga além dos limites de suas propriedades, localizadas na Vila Radin e Esquina Thomas.

"O pessoal se entusiasmou a partir de uma visita feita nas microbacias de Santa Rosa", afirma o seu Silvino Pettenon, um dos pioneiros no trabalho de Vila Radin. Depois disso, foi dado o primeiro passo, com a construção das barreiras físicas de captação da água, com mais de oito metros de largura, em 12 propriedades. Substituindo os convencionais terraços de base estreita que não possuem força no ataque a erosão e ainda provocam as vossorocas, o base larga é importante porque retém toda a água na lavoura e possibilita a realização de todas as operações, como o plantio e a colheita com máquinas, além de permitir o cultivo de toda área.

## PRIMEIRO PASSO

"A água só respeita dois fatores: o divisor e coletor de águas", diz Adão Acosta, que na época era coordenador técnico da Unidade de Santo Augusto, salientando a eficiência do base larga como armazenador de água, "na medida em que a própria divisão das propriedades não respeitam esta lei da natureza, e portanto, criam condições para o aparecimento de vossorocas". Além disso, o agrônomo destaca que o trabalho mecânico produz resposta visual muito forte, incentivando os produtores a ultrapassarem esta primei-

ra etapa de conservação do solo, e partindo, paralelamente, para um trabalho comunitário, onde a construção dos terraços é apenas o primeiro passo, essencial, mas não definitivo.

O base larga é uma prática que exige acima de tudo a realização de operações entre os terraços, como a subsolagem para descompactar o solo, a utilização de várias culturas para a cobertura vegetal e a rotação de culturas. "O ideal é fazer um corte no solo (trincheira) para ver onde se encontra a camada compactada e após realizar uma subsolagem para romper esta barreira que impede o crescimento normal das raízes e a infiltração da água", fala o Décio Luis Cassol, que atualmente, é responsável pelo trabalho de microbacias em Santo Augusto. Quanto a cobertura vegetal, o agrônomo ressalta a sua importância por manter o solo sempre protegido, "pois a ação direta da chuva determina o início do aparecimento da erosão".

Mas, o Cassol destaca ainda, outra prática indispensável no time da conservação do solo: a rotação de culturas, que "através dos diferentes sistemas radiculares das plantas, possibilita uma existência mais harmônica dos microorganismos evitando a sua concentração, que provoca danos a determinadas culturas, além de melhorar a estrutura e infiltração da água no solo".

Na Vila Radin, as plantas melhoradoras do solo, como as gramíneas e as leguminosas, já foram incorporadas, destacando-se entre elas, o feijão guandu, uma cultura perene, que além da sua importância para a conservação do solo é um banco de proteínas para a alimentação bovina e suína. Claro, além do guandu, outras forrageiras bastante conhecidas, como a ervilhaca e o sincho também desempenham o papel de conservacionistas.



Pettenon e sua plantação de guandu

Já no ano passado, os produtores da microbacia da Vila Radin puderam avaliar os resultados do base larga em suas terras, onde foram plantados trigo e aveia preta, como cobertura vegetal, além da experiência com colza, sincho e ervilhaca. "Na safra das curvas era um areial só e muitas barrocas", diz o seu Pettenon, ao analisar o trabalho, enquanto o seu filho, Irineu Pettenon, que também participa da microbacia, diz que até o plantio foi facilitado: "com o base larga dá para plantar de tudo e ficou melhor para preparar o plantio".

Mesmo sem ter uma avaliação numérica de rentabilidade do solo na região das microbacias, os produtores da Vila Radin já observaram a retenção do solo fértil e a infiltração da água na terra. "O maior problema anterior aos terraços, as vossorocas, estão hoje, praticamente corrigidas, o que aumenta a área de plantio e, consequentemente a renda do produtor", garante o técnico Wilton Emilio Treuherz. A grande vantagem apontada por ele, no entanto, é a de que o trabalho em microbacias viabiliza ainda mais a pequena propriedade, pois o produtor tem em mãos todos os recursos necessários para a construção e manutenção dos terraços, e para o plantio: "se ele não tem o trator ou o arado de discos, pode utilizar os do vizinho".

A construção dos terraços, contudo, não é o passo principal deste trabalho de estímulo comunitário, diz o Wilton, pois "o produtor terá que trabalhar e pensar sobre todo o solo que faz parte da microbacia, observando principalmente, o desenvolvimento do solo entre os terraços. A importância deste cuidado pode ser vista, por exemplo, em relação a umidade de campo ideal. Se o produtor observar isso, ele não terá problemas de compactagem e a água vai ser infiltrada mais facilmente, evitando o escoamento entre os terraços.

## PONTA DE LANÇA

Entrando na sua segunda fase, o trabalho de conservação do solo em microbacias de Santo Augusto, parte agora, com mais intensidade, para o uso e manejo adequado do solo. Neste período estarão sendo também avaliados os problemas encontrados durante o primeiro ano, como a utilização de grade para a aração, que prejudica a estrutura do solo.

Para o Adão Acosta, um dos maiores problemas sentidos foi a permanência do manejo individual, mesmo em microbacias. "Trabalhar os bases largas dentro dos limites da propriedade propicia o assoreamento de ca-



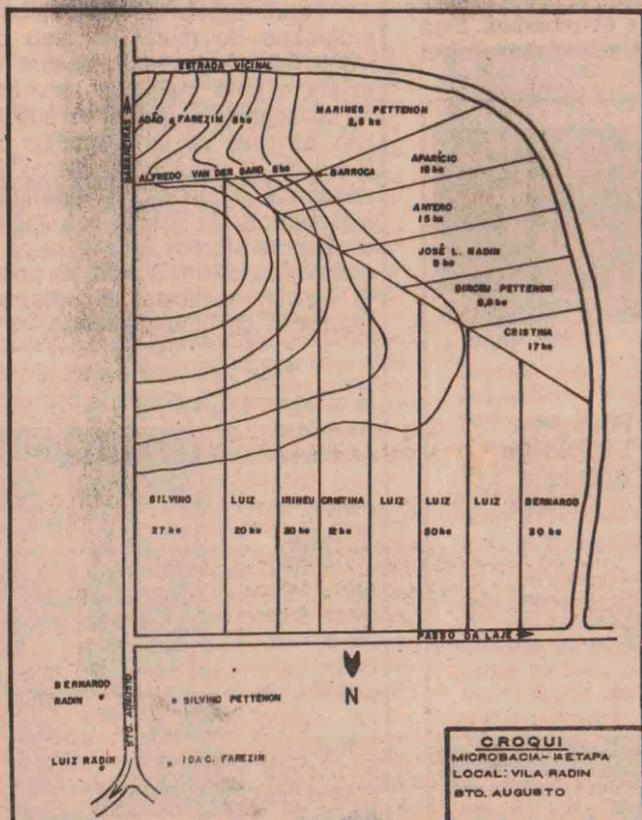
Os produtores Pettenon, Farezin e Radin com a equipe técnica

nais", afirma o agrônomo, ao mesmo tempo que enumera as vantagens desse tipo de trabalho. O melhor saldo do trabalho em microbacias é o de que "ele passa por cima da linha de terraceamento, dando perspectivas para outros sistemas de produção, como a construção de agudes e de depósitos de lixo tóxico, possibilitando a diversificação da propriedade. O agrônomo ressalta ainda que "este trabalho que age como uma ponta de lança para outras práticas deve estar inserido dentro de uma perspectiva econômica, da dimensão da propriedade e da capacidade do produtor". O trabalho requer também do produtor uma mudança em suas atitudes, pois terá que deixar de pensar de maneira individual no momento de realizar práticas culturais, programando as atividades de forma coletiva para não comprometer o investimento.

Esperando também o apoio efetivo da administração municipal, os produtores da Vila Radin querem que a Prefeitura os auxilie no fechamento das vossorocas maiores, ajudando na manutenção das estradas. "São poucas as dificuldades e os custos para a construção dos terraços", diz o Vilmar Farezin, também da Vila Radin. Entusiasmados com o trabalho, ele aconselha: "todos deveriam fazer base larga, não só nós, porque aqui se aproveita tudo na lavoura". Quanto aos resultados "do segundo ano em diante vai ser melhor ainda, e de produção nem se fala".

Com uma extensão de aproximadamente 300 hectares, a microbacia da Vila Radin terá a sua área de trigo, este ano, um pouco reduzida, pois os produtores estão meio apreensivos com os preços dos VBCs. Por isso estudam a possibilidade de plantar mais aveia, tremoço ou outras culturas. Antes disso, porém, eles esperam a decisão do conjunto da microbacia "para ver os cuidados de manejo e subsolagem, necessários antes do plantio", fala o seu Pettenon. "Acho que vou plantar um pouco de trigo, de sincho e de aveia. Área descoberta é que não vai ficar".

## Área da microbacia



Com 80 hectares de terraços de base larga, o projeto quer chegar a 200 hectares.

# Mais atenção a produtividade

**Esta a exigência do Clube Amigos da Terra de Giruá, promovedor do painel sobre plantio direto, na 7ª FENASOJA.**

Plantio direto, as experiências e a sua importância para o aumento da produtividade foram temas desenvolvidos pelo V Encontro Estadual dos Clubes Amigos da Terra, CATs, como programação da 7ª FENASOJA, realizado no dia sete de maio, em Santa Rosa. O programa promovido pelo CAT de Giruá, teve a participação da Embrapa, da Fundação "abc" para Assistência e Divulgação Técnica da Agropecuária, de Ponta Grossa no Paraná e também contou com a presença de técnicos e produtores da Cotrijui.

"É muito fácil destruir o solo, porém, pra devolver as suas perdas, mesmo usando plantio direto, leva-se quatro anos para repor 30 por cento do seu material orgânico". Este alerta foi feito pelo pesquisador da Embrapa, Reinoldo Kockhann, ao apresentar os aspectos técnicos do plantio direto ou "plantio na palha", como prática de conservação do solo mais seguro e eficaz para evitar as perdas orgânicas do solo e dos insumos aplicados na terra. Segundo o pesquisador, além do seu principal objetivo que é o aumento da infiltração e armazenamento da água no solo, o plantio direto, em relação ao sistema convencional, permite maior fertilidade, através do acúmulo dos resíduos orgânicos e inorgânicos como fertilizantes, herbicidas e calcário.

Ao avaliar a degradação do solo, ou seja, o alto grau de compactação que não possibilita o armazenamento da água e sim a erosão, Reinoldo destacou as perdas significativas também para o agricultor. Numa época em que os insumos representam aproximadamente 20 por cento dos custos de uma lavoura de soja, o não aproveitamento destes pelo solo, gera a longo prazo, um custo ainda mais elevado e um prejuízo ainda maior. Se a água não possui condições de infiltração no solo, quando ela passar pela lavoura, levará junto todos os insumos aplicados pelo agricultor, fazendo com que a operação, na mesma dose, se repita todo o ano. Já o solo, sem uma conservação conduzida, mas com o mesmo volume de insumos que recebe por ano, não recupera suas condições de fertilidade iniciais.

## ALERTA

Embora tenha o plantio direto como a prática mais eficaz, o pesquisador fez questão de ressaltar que esta etapa da conservação do solo depende, necessariamente, de outras práticas anteriores. Comparando o "plantio na palha", ao plano cruzado, Reinoldo disse que o seu sucesso está ligado a trabalhos anteriores de fertilização e neutralização dos elementos tóxicos, como o alumínio e mangânes, nas camadas de solo exploradas pelas raízes, além da cobertura vegetal e rotação de culturas.

Além dos alertas técnicos, Reinoldo Kockhann abordou a redução de custos de combustíveis proporcionada pelo plantio direto, assim como a redu-

ção de mão-de-obra, uma vez que o produtor pode plantar ao mesmo tempo em que colhe, bastando para isto que faça adaptações em suas máquinas. Quanto aos combustíveis, somente em óleo diesel, o agricultor economiza 26 por cento em relação ao custo do sistema convencional.

## NO PARANÁ

Hans Peeten, diretor técnico da Fundação "abc", Arabuti, Batavo e Castrolanda foi outro palestrante que salientou o uso correto das máquinas para o sucesso do plantio direto. Participante do "Clube da Minhoca", entidade semelhante aos CATs do Sul, Hans Peeten disse que, atualmente, 80 por cento da área de atuação da Fundação é produzida pelo sistema de plantio direto, garantindo uma produção sem erosão e com a média de seis toneladas por hectare. Esta alta produtividade é fruto da dedicação do produtor na busca de assistência técnica, afirmou Peeten. "O que não se pode esquecer é o grande valor da água, a qual só ficará na lavoura se tiver uma quantidade de palha". O diretor da "abc" mostrou ainda a importância do Nitrogênio e todos os cuidados anteriores ao plantio na palha.

As experiências do sucesso no plantio direto, porém, ficou a cargo do presidente da Fundação "abc" e proprietário da Fazenda Frank'anna, Franke Dijkstra, que há 11 anos trabalha com plantio direto e obtém mais de 100 por cento de produtividade nas suas lavouras. Ao apresentar a evolução de sua administração, Franke salientou os méritos do plantio direto co-



No Centro Cívico Municipal, produtores e técnicos discutem plantio direto

mo a antecipação do plantio, a economia de combustíveis, o aproveitamento da chuva junto com a germinação da semente e o aproveitamento de toda a área com culturas como aveia, centeio e trigo.

Apesar da recomendação que faz aos produtores apresentando todas as vantagens do plantio direto, Franke não deixou de lembrar que, "em cima de trigo, proagro não se faz plantio direto, pois não tem palha suficiente para retenção de água". Acima de tudo é preciso muita insistência do produtor e acompanhamento técnico".

## APELO

O apelo mais entusiasmado do painel foi feito pelo secretário do CAT de Giruá — entidade formada por produtores e técnicos para troca de experiência e desenvolvimento técnico. O engenheiro agrônomo Edgar Martin não poupou elogios ao sistema como também responsabilizou a área técnica da região de Santa Rosa pela ineficiência da produção. Hoje, disse o agrônomo, "somos apenas campeões em erosão e proagro e atingimos a média de somente três a seis toneladas de milho, por hectare, enquanto no Paraná, se consegue até 15 toneladas por hectare". Edgar lembrou ainda que os maiores índices de produtividade represen-



Adaptação para plantio direto de soja

tam maiores arrecadações para os municípios e maiores rendimentos para o produtor. "O plantio direto reduz 50 por cento dos custos do maquinário e por conservar toda a palha na propriedade, aumenta, no mínimo, 30 por cento da produção. Finalizando a sua intervenção, Edgar convocou toda a categoria a repensar o seu trabalho. "Estamos fazendo muito pouco pela produtividade; o que precisamos é segurar toda essa água na lavoura".

## O arroz, uma lavoura de risco

A lavoura de arroz irrigado, uma cultura tradicional no Rio Grande do Sul, que vem desde os primeiros anos deste século, é das mais seguras e eficiente de resultados para o nosso clima. No entanto, não quer dizer que esteja sempre fora de perigo. Quem afirma é o agrônomo Jorge Perez, que chega a considerar a orizicultura produção de risco, em determinadas circunstâncias.

Ele explica fazendo um paralelo com o que ocorreu na última safra, nos municípios de Dom Pedrito, Bagé, Rosário do Sul e Livramento. Chuvas em excesso na época de plantio, atrasando a semeadura. Em seguida, quando a planta aflorou na superfície, tivemos temperaturas elevadas demais, que ocasionaram problemas de toxidez de ferro e a consequente oxidação da raiz. Esse fenômeno impede a necessária absorção de nutrientes pela planta.

Lembra Perez que já na época de floração do arroz, entre oito e 10 de fevereiro, a temperatura baixou de maneira brusca de 40 graus para uma

mínima que variou de oito a 12 graus (nos municípios mencionados), num espaço de apenas 48 horas. Esse fato causou acentuada esterilidade, inflando no perfilhamento, o que motivou uma queda de 30 por cento na produção em relação a safra anterior.

Argumenta também que o arroz toma-se cada vez mais exigente de tecnologia, encarecendo, consequentemente, a lavoura. Como o emprego da técnica custa caro, é evidente o maior custo global da lavoura, reduzindo os lucros dos produtores. A tecnologia aumenta a produção, mas aumenta também a interação de fatores. Veja que usamos uma tecnologia que veio de fora, imposta pelas multinacionais do ramo. Hoje, no estágio que a orizicultura alcançou no estado, ela precisa manter essa tecnologia, que por sua vez é sempre mais cara. Como produtores, ficamos nesse círculo vicioso, enfrentando riscos cada vez maiores.

## SAFRA COMPROMETIDA

O produtor Ruy Adelino Raguzzoni considera a próxima safra de

arroz, já comprometida, devido aos vários fatores que influem na composição dos custos e que não são levados em consideração pelas autoridades, na formação dos preços.

Ele reclama mais sensibilidade do governo e clama por uma política agrícola que defina os rumos reais a serem seguidos pelo produtor. O que vem ocorrendo — diz Ruy Raguzzoni — é uma espécie de jogo de cobra cega, onde quem está sempre no meio da roda é o produtor. Veja o exemplo do que aconteceu durante o Plano Cruzado. Tabelaado em 130 cruzados o saco, por um ano, recebeu um reajuste de 35 por cento em março deste ano. Mas na mesma época a OTN subiu de uma só vez, 72 por cento. Veja que disparidade, reclama Ruy Raguzzoni.

Caso o governo não tome providência em relação a esse produto, vital à mesa da maior parte da população brasileira, prevejo um desastre para o futuro dessa lavoura, pois os produtores não têm o mesmo estímulo para produzir, concluiu o produtor peritense.

# Uma questão de tempo

A visita feita em Dom Pedrito pelo ministro da Irrigação, Vicente Cavalcanti Fialho, no último dia 15, reascendeu as esperanças dos pedritenses de que a realização do projeto das barragens agora é apenas uma questão de tempo. O empresário agropecuarista Rogério Zart, presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito e escolhido coordenador do Conselho Municipal de Irrigação, órgão que vai coordenar as obras, disse que "já saímos do plano das teorias e nos fixamos no projeto técnico da obra".

Segundo ele, a vinda do ministro e de seus assessores técnicos, inclusive o engenheiro Aristóteles Bourscheid, que já tem pronto o projeto técnico para a barragem do Taquarembó-Chico, demonstrou o interesse do governo federal na realização desse empreendimento, que colocará Dom Pedrito em grande destaque como produtor de grãos.

O ministro garantiu recursos da ordem de 50 por cento, a fundo perdido, oriundos dos governos federal e estadual. O restante tem de ser alocado por particulares. Mas Rogério Zart antecipou que o Banco do Brasil garante o numerário necessário a título de empréstimo e a juros perfeitamente compatíveis, dada a importância da obra para o município de Dom Pedrito e a região limítrofe a ser também beneficiada. Esses recursos, que já constam do orçamento da União, serão do Provárzea, com seis anos de prazo e dois de carência.

Zart pensa em providenciar a formação de uma empresa de economia mista, a ser gerida pelo próprio Conselho Municipal de Irrigação, entendendo ser preferível que a administração da empresa tenha caráter gerencial privado, o que pode ser feito através de um conselho de diretores.

Destacou que pelo Plano Bourscheid, o município tem aptidão para comportar um total de 14 barragens. Pelo projeto técnico já concluído, vai começar pela maior delas, a de Taquarembó-bozinho, também chamada Taquarembó-Chico. Essa única barragem tem capacidade para armazenar 45 milhões de metros cúbicos de água, com a inundação de apenas 600 hectares de campos.

## UMA OBRA AGUARDADA HÁ MUITOS ANOS

O prefeito Quintilhano Machado Vieira tem no plano de barragens de Dom Pedrito a menina dos olhos de sua administração. Desde que assumiu a chefia do governo do município, há dois anos, já fez várias viagens a Porto Alegre e Brasília, gerenciando em benefício da obra, que considera vital para que Dom

Pedrito palmilhe seu verdadeiro e grande desenvolvimento.

Faz oito anos, no mínimo, que o município mantém-se estacionário em termos de área cultivada, por falta de água para irrigação. No caso do arroz, diz que só podemos plantar em torno de 24 mil hectares, quando temos espaços de várzeas que che-

gam a 140 ou 150 mil hectares.

Quintilhano entende que com a vinda a Dom Pedrito do ministro da Irrigação, foi dado um passo muito importante para que o plano de irrigação seja efetivamente começado. Como elemento concreto, temos a assinatura de convênio entre o referido ministério e o governo do Es-

tado, que libera 84 milhões de cruzados, sendo que 53 milhões são específicos para aplicação no programa de barragem, disse o prefeito pedritense. Mas isso é apenas o começo, garante ele.

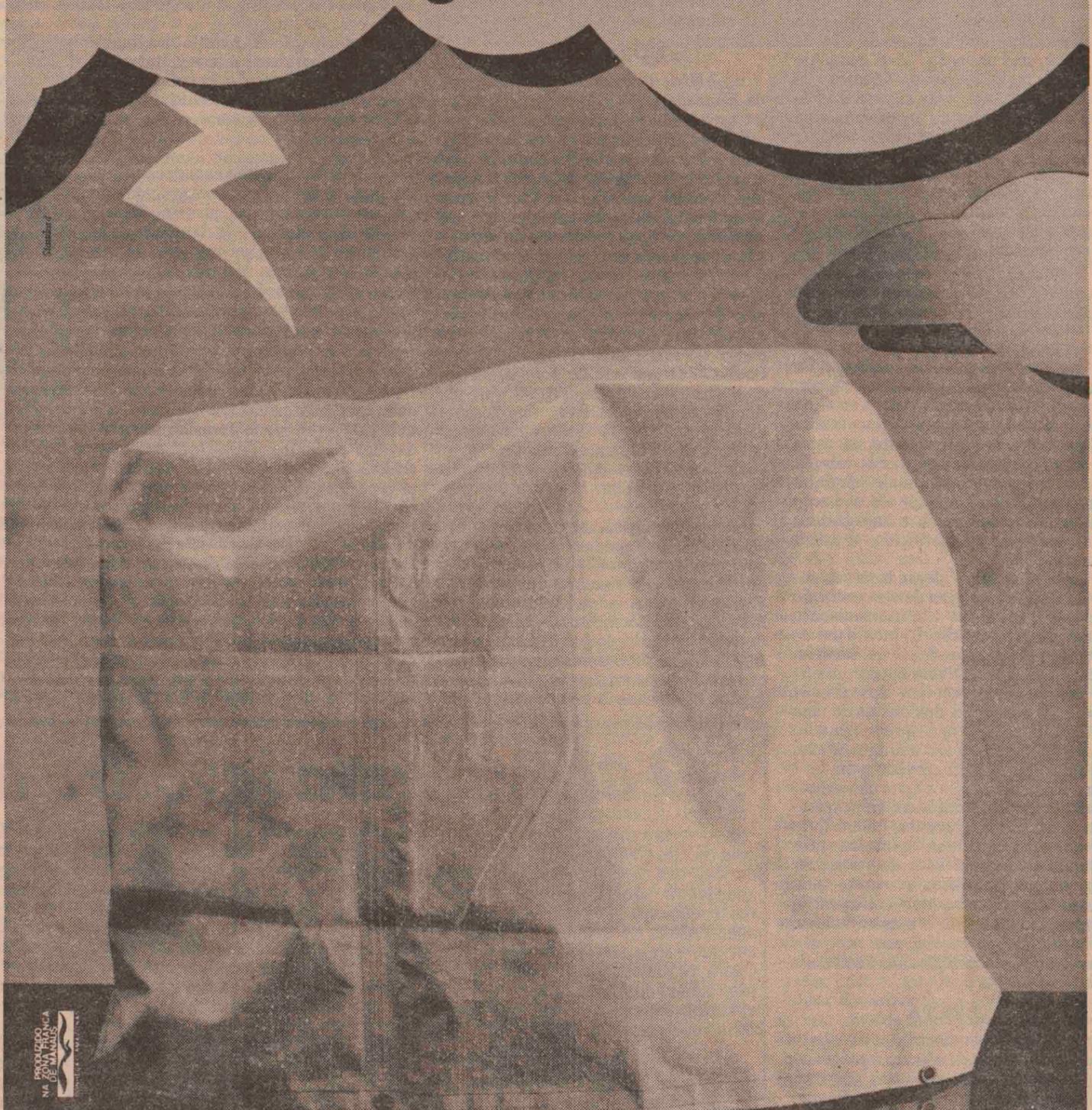
Ainda segundo Quintilhano Machado Vieira, só a construção da barragem do Taquarembó-Chico, que regulará o curso do rio Santa



Rogério Zart

Maria, aumentará em 13 mil hectares a área de agricultura no município.

## As águas vão rolar.



### Tudo bem, tem Lonaleve.

Lonaleve é a melhor alternativa para a proteção na agricultura e construção civil. É só cobrir com Lonaleve que fica tudo protegido.

Lonaleve é mais leve e versátil que as lonas de algodão e mais resistente que os filmes plásticos, durando muito mais tempo.

Seu manuseio é fácil e muito prático. Depois de usar pode ser guardada até molhada: ela nunca mofa.

Quem dá toda esta cobertura é a Alpargatas.

E deixa as águas rolar.

**lonaleve**  
Cobre mais e custa menos.



# Produção de soja em crescimento

**A CEE, além de consumidora, passa a ser uma forte concorrente no mercado da soja.**

A Comunidade Econômica Europeia (CEE), composta hoje por 12 países (França, Grã-Bretanha, Irlanda, Alemanha Ocidental, Itália, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Espanha, Portugal e Grécia), é o maior consumidor de farelo de soja no mundo (em torno de 18,5 milhões de toneladas atualmente, sendo que 14 milhões são importadas). Ela importa igualmente o grão de soja (10,4 milhões de toneladas em 1984/85 - ano comercial outubro/setembro). Entretanto, a CEE atualmente vem se transformando também em um forte exportador destes produtos. Já no ano de 1984/85 ela exportava 4,6 milhões de toneladas de farelo de soja.

Dois motivos levaram a CEE a exportar cada vez mais: a) o fato de que o consumo interno está relativamente estagnado desde o início dos anos 80; b) uma significativa produção de oleoproteínicas (colza, girasol, soja e ervilha proteínicas) que se desenvolve desde o final dos anos 70.

Esta nova realidade do mercado europeu nos coloca frente a um novo quadro mercadológico. A CEE além de consumidor, passa a ser hoje um concorrente no mercado internacional de soja e derivados.

Neste artigo, falaremos exclusivamente de produção de soja na CEE. Embora esta produção não seja a mais significativa em termos de concorrência, seu desenvolvimento em solos europeus já merece atenção.

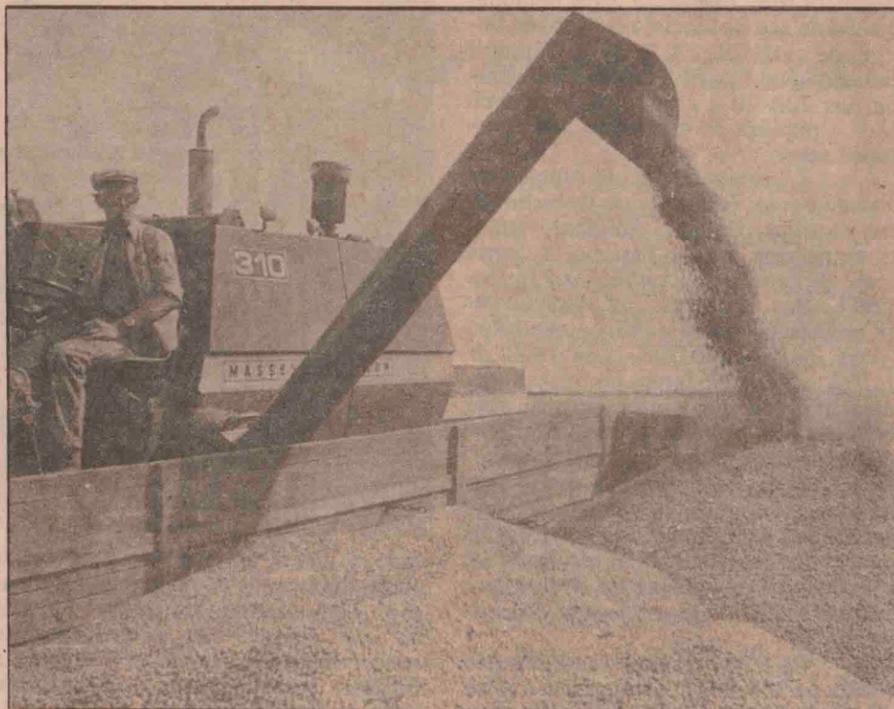
Na verdade, a produção de soja se desenvolve rapidamente se verificarmos o tempo decorrido. Assim, foi apenas em 1982 que esta cultura realmente surgiu na CEE. A França, naquele ano plantou 12.200 hectares. Em 1986 o plantio chegou a 47.000 hectares e as previsões indicam 80.000 hectares para 1987. Na Itália, inegavelmente o maior produtor de soja atualmente na CEE, o grupo Ferruzzi é o grande estimulador. A previsão para 1978 é de 300.000 hectares de soja a serem plantados nas planícies do rio Pô. Aliás, plantio que vem desalojando o milho.

Por trás deste desenvolvimento do cultivo da soja está a política agrícola da CEE. No início, como havia poucos hectares plantados, a CEE

criou um sistema de ajuda ao produtor com base no hectare plantado. Com o aumento da área cultivada, este sistema evoluiu para o mecanismo de ajuda que cobre a diferença de preço entre mundial (baseado no preço do produto desembarcado no porto de Rotterdam na Holanda) e os preços fixados pelo CEE antes do início de cada ano agrícola. Sistema este já então utilizado para o colza e o girasol.

No caso particular da soja, esta ajuda é dada a empresa que estoca o produto. Entretanto, o produtor não é penalizado, pois ele beneficia, pelo menos até hoje, de um preço mínimo garantido que é pago pela empresa que estoca a soja. A ajuda dada aos estocadores é calculada todas as quinzenas. Assim, por exemplo, o preço oficial determinado pela CEE em 1986 foi de 408 francos franceses (FF) o quintal (100 quilos). Se os preços da soja em Rotterdam estiveram em 200 francos o quintal (em média), a CEE deu então uma ajuda de 208 FF por quintal ao organismo que estoca o produto produzido localmente. Isto garante aos estocadores o recebimento do preço oficial estipulado no início do ano agrícola. Do lado do produtor, ele teve a garantia de um preço mínimo de 359,74 FF o quintal em 1986. Tirando as taxas, ele recebeu um preço mínimo de 352,87 franco por quintal. Considerando que um franco francês valia em torno de 3 cruzados em 1986, o organismo estocador ganhou 1.224 cruzados por 100 quilos e o produtor 1.059 cruzados. Como podemos ver, a produção de soja, até hoje, é altamente subsidiada na CEE. Nada mais nada menos que 208 francos por quintal ou 624 cruzados em média, em 1986.

Este mecanismo tem a vantagem de eliminar o problema da dependência direta com relação ao preço mundial, pois o preço interno é conhecido antes da produção. Entretanto, a sua desvantagem é que ele custa muito caro aos cofres da CEE. Quanto mais os preços internacionais da soja caem, maior o nível de subvenção que a CEE se vê obrigada a dar, pois a fixação dos preços internos tem sido sempre em aumento.



Em 1984/85, a CEE importou 10,4 milhões de toneladas de grãos de soja

É justamente este o ponto central dos atuais debates na CEE. Atualmente, os preços para a campanha 1987/88 estão sendo discutidos. A CEE, embora não pense em frear os preços oficiais, pretende subvencionar um total de apenas 1,1 milhão de toneladas de soja. Segundo as previsões, a produção Comunitária em 1987 deverá passar deste total (o que é por si só um dado surpreendente). Isto significa dizer que a parte que ultrapassar o limite previsto, deverá ser negociada aos preços de mercado internacional (em torno de 50% abaixo dos preços oficiais de CEE praticados em 1986).

Uma medida destas terá por consequência uma possível freada no desenvolvimento da produção local de soja.

Entretanto, a possível decisão (ela não havia sido definitivamente adotada no momento em que escrevamos este artigo) faz movimentar as classes produtoras de soja na Europa. Segundo elas, não é o momento de frear a produção local desta oleaginosa pois a mesma corresponde apenas a 3% das necessidades europeias. Ao mesmo tempo, pelo lado do produtor, é uma produção que oferece vantagens sobre a produção de cereais no que diz respeito aos custos de produção, conforme o quadro abaixo.

Pelo sim e pelo não, um assunto cuja evolução merece nossa atenção na medida em que dependemos do mercado externo, e sobretudo do mercado europeu, para viabilizarmos nossa produção de soja.

Custos operacionais médios (FF/quintal)	Trigo Duro 2.900	Milho 3.100	Soja 2.800
Preço oficial 1986 (FF/quintal)	155	120	355
Margem bruta (FF/quintal):			
3.500	4.100 kg/ha	5.500 kg/ha	1.770 kg/ha
5.000	5.100 kg/ha	6.700 kg/ha	2.190 kg/ha
8.000	6.500 kg/ha	8.600 kg/ha	3.040 kg/ha



## COFERMOL - Maior produtividade

A safra de soja neste ano comprovou mais uma vez os excelentes resultados da aplicação de COFERMOL.

A fixação de Nitrogênio do ar pelas bactérias é estimulada quando usada com inoculante e COFERMOL nas sementes, permitindo maior desenvolvimento das plantas e aumentando a produtividade.

**COBALTO / FERRO / MOLIBDÊNIO = COFERMOL**  
Produtividade com economia.



COFERMOL é produzido pelo Laboratório PFIZER LTDA. e distribuído no RS pela:

**TRIÂNGULO - Com. Rep. Agríc. Ltda.**

Rua 13 de Maio, 331 - Fone 332-5222 e 332-5262 Ijuí - RS

# Sucesso na comercialização

O município de Dom pedrito, fiel a suas tradições e vivendo na atualidade um fator de grande expansão agropecuária, deu mais uma demonstração de seu potencial no criatório bovino de qualidade. A Feira do Temeiro Selecionado - I FETERNAP, realizada nos dias 20 e 21 de maio, mostrou toda a pujança do município no importante setor.

A promoção foi do Núcleo de Criadores de Temeiros de Dom Pedrito, Cotrijuí, Emater, Sindicato Rural e escritórios rurais Farrapo e Santa Ana. O Parque de Exposições "Juventino Corrêa de Moura" foi pequeno para receber o grande público, que lotou todas as dependências. Um total de 1.162 animais passaram por pista, sendo 1.035 machos e 127 fêmeas, com excepcionais médias de peso e presenças genéticas da melhor qualidade.

Esses fatores foram muito bem aceitos pelo público comprador, que respondeu com lances competitivos os apelos dos rematadores. O resultado foi a formação de médias de preços que fez jus à qualidade e o estado dos animais.

Os 1.035 machos vendidos com média de 208,3 kgs. alcançaram a soma de Cz\$ 4.955,17 por unidade. Isso quer dizer, Cz\$ 23,78 por kg em pé. As fêmeas, no total de 127, apresentaram peso médio de 179 kgs e atingiram a média de Cz\$ 3.793,52, o que dá Cz\$ 21,19 por kg. A média geral; machos e fêmeas, foi de 204,8 kgs.

A grande tropa que constituiu a I FETERNAP foi adquirida totalmente por pecuaristas de Dom Pedrito, Bagé e Rio Pardo.

A comissão julgadora foi constituída pelos médicos veterinários Nei Almeida Rosa, do Ministério da Agricultura; Hélio Saraiva de Souza, diretor técnico da Cicade, de Bagé, e Valter José Pötter, produtor em Dom Pedrito e Santana do Livramento.

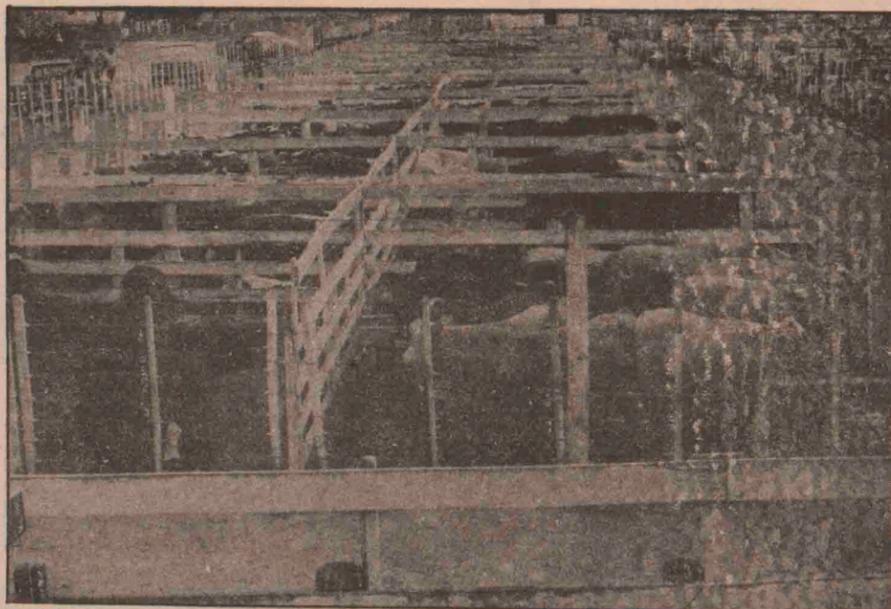
O melhor lote de temeiros e mais homogêneo de primavera, foi apresentado pelo produtor Carlos Assunção Pacielo Perez, da estância Rodeio Bonito, localidade de Taquarezinho, Dom Pedrito. Seus animais botaram a média de 295 quilos.

O lote mais pesado de outono, com média de 335 quilos, pertenceu ao Condomínio Agropecuário Posto Branco e o melhor lote de desmame (90 dias), com 168 quilos, pertenceu ao criador Ronaldo Arthur Scheffel. O produtor que apresentou o maior número de temeiros na Feira foi Jair Raul Tatasch, com 197 animais.

## ORGANIZAÇÃO E EFICIÊNCIA

Os responsáveis mais diretamente envolvidos nos preparativos da I FETERNAP foram o criador e expositor, Otacilio Pereira Severo, presidente do Núcleo de Criadores de Gado Charolês em Dom Pedrito, e o veterinário Vanderlei Garcia, do departamento técnico da Cotrijuí. Para eles, que conseguiram colocar o município entre os mais representativos das amostras e feiras do Estado, realizando uma Feira com o máximo de organização e eficiência, devem ser dirigidos os méritos do empreendimento.

Eufórico com o sucesso alcançado, Otacilio Pereira Severo diz que essa amostra foi apenas o início. Ele tem certeza que Dom Pedrito, pela pujança de sua pecuária, será em breve um marco de expressão no calendário das feiras de gado no Rio Grande do Sul, somando sucesso a cada nova exposição. O município - ressaltou - tem



A Feira do Temeiro reuniu mais de 1.100 animais

tudo o que é preciso para se projetar como fornecedor de gado para terminação. Tem quantidade, qualidade mais do que comprovada e entidades de apoio eficientes, como a Cotrijuí, a Emater, um Sindicato Rural atuante, além de escritórios rurais qualificados, como o Farrapo e o Santa Ana.

O leiloeiro Bernardo de Miranda Munhoz, do Escritório Rural Farrapo, que dividiu o manejo do martelo com o Escritório Rural Santa Ana, ficou satisfeito com o resultado financeiro dessa primeira FETERNAP. Disse que o total das vendas alcançou a soma de Cz\$ 5.655.910,00, ultrapassando as cifras mais otimistas que foram previstas inicialmente pelos organizadores. Como se vê, disse Munhoz, uma ótima estréia de Dom Pedrito.

O presidente do Sindicato Ru-



Otacilio Severo

ral, Suliman Guimarães Hias, que acompanhou o desenvolvimento dos remates desde o primeiro momento, disse que graças ao trabalho dos produtores e o apoio irrestrito das entidades co-participantes, Dom Pedrito teve uma magnífica estréia com a FETERNAP.

Ele tem certeza que a Feira do Temeiro Selecionado de Dom Pedrito vai se projetar no decorrer dos próximos anos, transformando o município num centro de projeção de remates bovinos dos mais importantes do estado e até mesmo do país. Esse pensamento é reforçado pelo criador e empresário rural, famoso por seus empreendimentos de grande vulto, Valter José Pötter, que disse que Dom Pedrito estava há muito necessitando reunir pelo menos alguma parte de seu criatório jovem, em local específico e com o aval de uma Feira Selecionada.

## TERMINAÇÃO NO MUNICÍPIO

O veterinário Vanderlei Garcia, do departamento técnico da Cotrijuí, disse que ficou muito gratificado em trabalhar ao lado de Otacilio Severo e demais colaboradores, na organização da FETERNAP. Para ele, tão importante quanto o criatório bovino de qualidade até a fase de temeiro desmado, é a terminação no ponto de corte. No caso de Dom Pedrito, é bom que a maioria da temeirada fique no município, pois temos um frigorífico, para abater e valorizar o desfrute.

O agrônomo Luiz Afonso de Souza Severo, do escritório local da Emater, entidade que também participou da organização da Feira, disse que a Emater engajou-se no empreendimento por entender que é mais uma janela ampla que se abre, para melhorar o quociente de qualidade do gado no município.



# HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

## Um serviço COTRIJUI à comunidade

### QUADRO DE PROFISSIONAIS DO HOSPITAL BOM PASTOR S/A - SANTO AUGUSTO

Médico	Especialidade	Credenciado p/consulta em:	Credenciado p/internação
Naldo Wiegert	Cirurgia geral	Inamps, Ipê, Unimed, Cassi, AC Trabalho, Funrural e Particular	Inamps, Ipê, Unimed, Cassi, AC Trabalho, Empregador Rural e Particular
Breno M. Pias	Clínica geral	Ipê, Unimed, Cassi, AC Trabalho, Funrural e Particular	Inamps, Ipê, Unimed, Cassi, AC Trabalho, Empregador Rural e Particular
Paulo Tarso R. Delfini	Ginecologia e Obstetricia	Inamps, Ipê, Unimed, Cassi, AC Trabalho, Funrural e Particular	Inamps, Ipê, Unimed, Cassi, AC Trabalho, Empregador Rural e Particular
Flávio A. L. da Silva	Pediatria e Anestesiologia	Ipê, Unimed, AC Trabalho, Funrural e Particular	Inamps, Ipê, Unimed, AC Trabalho, Empregador Rural e Particular
Cláudio Polo	Urologista	Ipê, Unimed, Cassi, Funrural e Particular	Inamps, Ipê, Unimed, Empregador Rural, Cassi e Particular
Elisabeth M. P. de Moraes	Pediatria	Ipê, Unimed, Cassi e Particular	Inamps, Unimed, Ipê, Cassi e Particular
Junia M. Botton	Psicologia	Particular	- o - o -
Ernani Oppermann	Dermatologia	Unimed, Cassi e Particular	- o - o -
Lair Huning	Oftalmologia	Unimed, Cassi e Particular	- o - o -
FISIOTERAPEUTA: Rosângela de Moura - Cred. p/Unimed p/Internação - Particular		NUTRICIONISTA: Maria Inêz R. Roeder	
OBS: ANESTESISTA CREDENCIADO SOMENTE P/UNIMED		ATENDIMENTO: Particular	



SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA.

### PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUI - UNIMED

Os beneficiários do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED deverão comparecer no período de 22.06.87 a 24.07.87 nas Unidades em que entregam sua produção, para renovação ou cancelamento do referido plano de saúde.

Os associados da COTRIJUI ainda não beneficiários e que desejarem participar do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED poderão inscrever-se no período de 22.06.87 a 24.07.87, nos locais acima mencionados.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 286 médicos, 36 hospitais e 34 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- 1 - Consultas com todos os médicos da área pioneira da COTRIJUI, num total de 286 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área;
- 2 - Exames de laboratório: atendimento por 34 laboratórios;
- 3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anatomopatológicos, etc.;
- 4 - Fisioterapia;
- 5 - Exames de Raio X;
- 6 - Atendimentos de urgência diretamente nos pronto-socorros;
- 7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesarianas);
- 8 - Atendimentos hospitalares; quando a internação hospitalar ocorrer exclusivamente através da UNIMED.

Maiores informações sobre o Plano como complementação de honorários em acomodação hospitalar superior com ou sem acoplamento com o INAMPS, carências, etc. encontram-se no Folheto COTRIJUI-UNIMED à disposição nas Unidades da Cooperativa.

Os usuários podem utilizar a assistência odontológica, pelo sistema de Serviços Prestados, pagando o custo pela Tabela da UNIODONTO CENTRO OESTE - Sociedade Cooperativa de Serviços Odontológicos Ltda.

- O sistema funciona da seguinte maneira:
- 1 - O usuário, de posse da Carteira de Beneficiário da UNIMED, se dirigirá ao dentista de sua escolha que fará o orçamento do tratamento a ser realizado;
  - 2 - De posse do orçamento, o usuário se dirigirá à UNIMED onde pagará previamente o custo orçado.

# CALENDÁRIO

## Conservação de solo em debate

Manejo do solo, de água no solo, de solos em microbacias, mecanização agrícola, implementos para preparo conservacionista e máquinas para plantio direto, serão os assuntos em pauta durante o Encontro de Conservação do Solo e Mecanização Agrícola e que acontece de 27 a 30 de julho, em Passo Fundo. A promoção é da Associação de Engenheiros Agrônomos de Passo Fundo, com apoio do CNPT-Embrapa, Emater/RS e Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo. As palestras vão ficar a cargo de nomes como o de João Mielniczuk, da UFRGS; de Claudino Monegat, da Acaresc; de Décio Cruciani, ESALQ; Jorge Mazuchowski, da Carpa; Caio

Vítor, da UFRGS; de Adolfo Glave, Inta (Argentina); Arno Dallmeyer, da UFSM; Reinoldo A. Kochhann, do CNPT e de Hans Peetem da CCLPL. O encontro reunirá pesquisadores, professores, técnicos da assistência técnica e extensão rural, produtores e estudantes de agronomia. A taxa de inscrição será de Cz\$ 100,00 para os associados da AEAPF; de Cz\$ 400,00 para os não associados e de Cz\$ 200,00 para os estudantes. Maiores informações sobre o encontro poderão ser obtidos através dos telefones (054) 313-1244, do CNPT-Embrapa; (054) 313-2000, da Faculdade de Agronomia; (054) 312-2509 da AEAPF e (05) 312-2550 ou 2279, da Regional da Emater.

## PISCICULTURA

### As espécies para a região

Altamir Antonini

Apesar da existência de milhares de espécies de peixes em nosso planeta - cerca de 20 mil espécies - sendo 7 mil de águas doces, apenas 60 são cultivadas naturalmente. Destas, somente 20 são próprias para o cultivo em açudes.

No Brasil, apesar da riqueza da nossa ictiofauna, são pouquíssimos os peixes aproveitados em cultivos intensivos e extensivos, quer pelo desconhecimento da biologia da maioria deles, quer pelo fato de que dificilmente um único peixe reúne todas as características desejáveis a uma espécie de cultivo.

No Rio Grande do Sul, apesar dos esforços, a piscicultura tem encontrado bastantes dificuldades para avançar, em virtude de nossas condições climáticas não serem favoráveis ao pleno desenvolvimento da maioria das espécies nobres. Exatamente em função disto é que a carpa comum se tornou a espécie mais cultivada, apesar e a despeito de preconceitos com relação a qualidade de sua carne.

O ideal seria contar com espécies como o Tambaqui, o Pacu, o Pirapitinga, o Pirarucu, peixes de carne de boa qualidade e próprios para o cultivo. Entretanto, com exceção do Pacu, que suporta temperaturas mais baixas, os demais não se adaptam ao clima de nossa região.

Diante deste quadro, a pergunta que se faz é: que outras espécies além da carpa e da nilótica podem ser criadas em nossas condições? A resposta seria: tentar estudar espécies nativas da região; entretanto já se sabe que estas são poucas e não indicadas para criação em açudes. De outra parte, introduzir espécies de outros países, cujas condições climáticas se assemelham às nossas.

Neste aspecto, e com estes objetivos, é que foram introduzidas as espécies de carpas chinesas no Brasil, e especialmente em nossa região. Estas são espécies nativas de climas

semelhantes aos do Sul do país. Das espécies de peixes de água doce, a carpa comum (*Cyprinus carpio*) é a mais conhecida e criada no mundo. Sua rusticidade e precocidade tornaram-na especialmente indicada para o cultivo intensivo em açudes ou em pequenos tanques.

**Carpas Chinesas** - Originárias da China, foi introduzido no Brasil há menos de 8 anos um grupo de carpas chinesas, a capim, a prateada, e a cabeça grande. Estas espécies estão sendo espalhadas em todo mundo, (inclusive nos Estados Unidos) assumindo importância sempre crescente, principalmente por serem espécies próprias para o policultivo (criação conjunta de várias espécies no mesmo açude).

**Carpa capim** - É excelente espécie para o cultivo devido ao seu hábito alimentar. É um peixe herbívoro, que come não somente as plantas aquáticas, submersas ou emergentes, mas também as gramíneas, capim e outras plantas terrestres, principalmente capim. Pode consumir diariamente 100 por cento do seu peso, produzindo muito adubo orgânico, que fertiliza a água dos viveiros. Uma carpa capim alimenta três outros peixes, indiretamente, com seus dejetos. No Centro de Treinamento, exemplares introduzidos em fins de 85 atingiram em um ano 4 quilos, alimentados com grama Bermuda e aguapé. Sua carne é de excelente qualidade e serve para ser consumida em forma de ensopados, além de frita e assada. Não se reproduz em açudes, ou seja, não desova em águas paradas. Por isso é preciso induzir a desova. Em policultivo com outras espécies não deve ser colocada em densidades maiores do que 1.000/ha, sendo necessário plantar uma área de 1.500 metros quadrados de pastagem para sua alimentação.

**Carpa Prateada** - Também não se reproduz em açudes. Alimenta-se principalmente do Fitoplâncton (plancton vegetal) filtrando a água

através de estruturas especiais existentes nas brânquias. Assim, um peixe com 250 gramas pode filtrar por dia, em média 32 litros de água. É muito comum um exemplar de 500 gramas crescer 10 gramas por dia ou mais. Pode alcançar um metro e 10 quilos quando adulta.

**Carpa cabeça grande** - É uma espécie de crescimento rápido. Seu hábito alimentar é zooplânctofago (come pequenos organismos animais d'água). Também filtra o alimento nas brânquias.

A temperatura ótima para seu desenvolvimento não deve ser inferior a 20° centígrados. Em condições alimentares favoráveis, pode ter um rendimento superior a prateada. Peixes desta espécie entregues na Cotrijuí, para comercialização chegaram a atingir 4,3 quilos em 13 meses de cultivo (com suínos). Não se reproduz em açudes, assim como a capim e a prateada.

As carpas chinesas acham-se atualmente em grande expansão no mundo. São basicamente utilizadas para o cultivo intensivo, principalmente com outras espécies, mediante o policultivo. Assim, através de seus hábitos alimentares diferenciados, cada qual utilizando-se de um determinado tipo de alimento, promovem um aumento significativo na produção total do tanque, pelo maior e melhor aproveitamento dos nutrientes existentes.

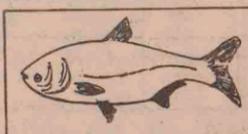
A Cotrijuí introduziu as carpas chinesas em 1985. Hoje conta com

um bom plantel de reprodutores para sustentar a produção de alevinos. Filhotes estes que inicialmente serão distribuídos aos produtores cooperados e posteriormente aos associados e terceiros.

Então, se o produtor associado desejar contar com estas espécies a partir de novembro, a estação estará fornecendo. Para garantir o recebimento deverá procurar o Departamento Agrotécnico das Unidades e providenciar sua reserva. **Pacu** - É uma espécie nobre da hácia do rio Paraná. Sendo um peixe de piracema, devido principalmente ao desmatamento ciliar e a poluição dos rios, a sua sobrevivência estava ameaçada. Graças a possibilidade de reproduzir-se em cativeiro, já está sendo possível criá-lo em açudes. Em tanques de engorda seu comportamento tem sido excepcional.

No Rio Grande do Sul, a Cotrijuí introduziu os primeiros exemplares (no CTC) e em alguns produtores, em fevereiro de 87. Até o momento, apesar das temperaturas baixas, não tem havido problemas. Sua carne é de excepcional qualidade, e é um peixe de hábito alimentar onívoro, isto é, come de tudo, indicado desta forma para a produção em policultivo, juntamente com as carpas chinesas (capim, prateada e cabeça grande).

Altamir Antonini é técnico agrícola e supervisor do programa de piscicultura



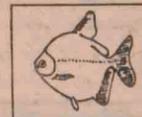
Carpa prateada



Carpa capim



Carpa cabeça grande



Pacu

# Produtos agrícolas x máquinas

O que aumentou mais de preços nestes últimos anos: as máquinas agrícolas, os insumos ou os produtos? Ou será que os preços destes três itens andaram correndo meio parelhos na conta do produtor em todo este tempo? Sem necessidade de recorrer a um lápis ou a uma calculadora para responder a estas questões, o produtor diria, um piscar de olhos, que foram os preços das máquinas e dos insumos os que mais cresceram de uns anos para cá. Os preços dos produtos agrícolas, completaria ele ainda, esse ficou para trás.

Buscando esclarecer e informar melhor o produtor a respeito desta questão, a Diretoria Agrotécnica da Cotrijuf na Regional Pioneira fez um levantamento da evolução dos preços do trigo, da soja, das máquinas agrícolas e do adubo no período de 1976 a maio de 1987. "Observa-se, adianta o Lufs Juliani, assistente agrotécnico da Cotrijuf e responsável pelo levantamento, "uma discrepância muito grande na comparação dos preços das máquinas e insumos em relação ao que aconteceu com os aumentos de certos produtos como a soja e o trigo nestes últimos 11 anos". O levantamento considerou, no caso da soja, um preço médio da Cooperativa e para o trigo, o preço do governo até o mês de dezembro de cada ano.

## MAIS QUE A INFLAÇÃO

Mas em quanto anda essa diferenciação de preços? O levantamento mostra que o aumento no preço do trigo, no período de 1976 a 1987 foi de 156.708 por cento, enquanto que o de uma automotriz chegou a 159.146 por cento. Em outras palavras, quer dizer que o aumento no preço das máquinas ficou 2.438 por cento acima do aumento dado ao preço do trigo nesse meio tempo. Ainda mais: o preço das máquinas cresceu, nesse mesmo período, mais que a própria inflação, que ficou ao redor dos 158.091 por cento.

O quadro abaixo mostra direitinho o que aconteceu com os preços das máquinas e dos insumos. O preço de uma automotriz, por exemplo, só esteve compatível com o preço do trigo em apenas duas ocasiões: no ano de 1981 a 1986. Nos demais anos, considerados no levantamento, a evolução dos preços da automotriz sempre andou na frente, chegando, inclusive, a se mostrar 45 por cento superior ao preço do trigo no ano de 1979.

Em 1976 uma automotriz era



O preço de um trator corresponde, atualmente ao valor de 2.074 sacos de soja

adquirida com o valor da venda de 2.508 sacos de trigo, cotado a preço mínimo de Cr\$ 127,80. Um trator médio, podia ser adquirido com a venda de 586 sacos de trigo e uma tonelada de adubo, com o valor da venda de 22 sacos de trigo. Três anos mais tarde, 1979, a situação já era outra e um produtor já não comprava uma automotriz com a venda dos mesmos sacos de trigo. Nesse ano, considerando o preço mínimo de Cr\$ 324,00 para o trigo, seriam necessários vender 3.625 sacos de produto, quer dizer, 1.117 sacos a mais, para adquirir a mesma máquina. Para adquirir o mesmo trator de porte médio seriam necessários vender 879 sacos de trigo. A situação do adubo mudou um pouco, mas, segundo o Juliani, muito mais em função da troca de fórmula usada do que dos preços.

A partir de 1980, a situação ficou um pouco mais folgada e uma máquina agrícola custava mais ou menos o preço de 2.992 sacos de trigo na época valendo Cr\$ 710,00. Em 1982 uma máquina agrícola poderia ser adquirida com a venda de 2.488 sacos de trigo e um trator a um valor equivalente da venda de 689 sacos de produto. Um ano mais tarde o preço mínimo do trigo teve um reajuste de 229 por cento, passando de Cr\$ 1.710,00 para Cr\$ 3.915,00. Esse reajuste reacendeu os preços das máquinas agrícolas,



que tiveram seus preços novamente elevados. Para comprar a mesma automotriz, seriam, agora, necessários 2.907 sacos de trigo. O preço do trator, no entanto, não foi afetado pela mesma euforia e, com 628 sacos, 61 a menos que um ano antes, era possível adquirir um do mesmo porte. Em maio de 1987, com o fim do congelamento dos preços e a disparada da inflação no país, o preço de uma automotriz também foi parar no espaço, passando a valer o mesmo que 3.056 sacos de trigo, com um preço básico estipulado em Cz\$ 301,00.

Mas a maior disparada depois do descongelamento de preços aconteceu, desta vez, com o preço do trator. Enquanto em 1985 o valor de um trator médio correspondia a valor de 433 sacos a um preço fixado em Cr\$ 38.622,000, neste ano ele corresponde a 1.860 sacos de trigo. O aumento foi de 118 por cento, se comparado com o preço de 1976. O adubo também não ficou para trás. Atualmente, uma tonelada de adubo corresponde ao valor de 24 sacos de produto.

Situação semelhante também ocorreu com o preço da soja. Em apenas um ano, o de 1977, o preço da soja teve um aumento maior que o da automotriz. Em 1980 os preços andaram meio parelhos e, com 2.187 sacos de soja, na época cotados em Cr\$ 600,000 cada um, era possível comprar uma máquina. O valor de um trator médio, no entanto, cresceu um pouco mais e seu valor correspondia ao valor de 802 sacos de produto. Nos demais anos, o preço da soja ficou sempre atrás, chegando até 76 por cento de defasagem, como aconteceu em 1985.

Em maio deste ano, considerando como parâmetro o preço de Cz\$ 270,00, serão necessários 3.407 sacos de produtos para cobrir o valor de uma automotriz. Um trator passou a valer o mesmo que 2.074 sacos de soja. Uma olhada na tabela, nos permite observar que no ano passado, em plena era do Cruzado, o preço de uma automotriz correspondia exatamente ao valor de 3.714 sacos de soja. Quer dizer, 307 sacos a mais do preço cotado atualmente. Mas o preço de um trator, no entanto, se comportou de forma diferente. No ano passado ele correspondia ao valor de 1.474 sacos de soja. Hoje, o produtor que quiser comprar esse mesmo trator, terá que desembolsar um valor correspondente a venda de 2.074 sacos de soja.

## COMO DEVERIAM FICAR OS PREÇOS DOS PRODUTOS

Se os preços do trigo e da soja, nesse período analisado, tivessem acompanhado a evolução dos preços das máquinas, hoje um produtor poderia adquirir uma automotriz com a mesma quantidade de produto necessário para a operação em 1976. Em todo o caso, para comprar, hoje, uma automotriz com os mesmos 2.131 sacos de soja necessários em 1976, o preço do produto para maio deste ano, teria de fechar em Cz\$ 432,00 o saco. Para o trigo, o preço teria de ficar ao redor dos Cz\$ 367,00. "Mas se considerarmos a média do período, explica Juliani, a soja teria de ser comercializada por Cz\$ 547,00 e o trigo por Cz\$ 397,00.

Seguindo a mesma lógica de raciocínio, o produtor teria de vender a sua soja ao preço de Cz\$ 859,00 e o trigo a Cz\$ 956,00, para adquirir o mesmo trator médio. Considerando a média do período, o preço da soja teria que andar por volta de Cz\$ 1.252,00 e o do trigo por Cz\$ 1.068.

## EVOLUÇÃO DE PREÇOS DE MÁQUINAS E ADUBOS COMPARADOS AO PREÇO CONSEGUIDO COM A VENDA DA SOJA E TRIGO

ANO	AUTOMOTRIZ				TRATOR MÉDIO				ADUBO (ton)			
	Sacos de Soja (1)	%	Sacos de Trigo (2)	%	Sacos de Soja	%	Sacos de Trigo	%	Sacos de Soja	%	Sacos de Trigo	%
1976	2.131	100	2.508	100	652	100	586	100	20 (4)	-	22 (4)	-
1977	1.469	69	2.234	89	683	105	561	96	17 (4)	-	19 (4)	-
1978	2.271	107	2.203	88	387	90	731	125	20 (4)	-	18 (4)	-
1979	2.368	111	3.625	145	879	135	895	153	12	100	16	100
1980	2.187	103	2.992	119	802	123	677	116	12	100	12	81
1981	3.167	149	2.488	99	1.091	167	689	118	17	142	14	88
1982	3.216	151	2.907	116	1.144	175	628	107	14	117	12	75
1983	2.904	136	2.932	117	970	149	538	92	9	75	6	38
1984	2.760	130	2.999	120	1.000	153	541	92	13	108	6	38
1985	3.745	176	2.384	95	1.176	180	433	74	15	125	7	44
1986	3.714	174	2.547	102	1.474	226	923	158	20	167	11	69
Maio/87	3.407	160	3.056	122	2.074	318	1.860	317	-	-	24	150

FONTE: CUSTO DE PRODUÇÃO - DIRETORIA AGROTÉCNICA

- (1) Com base em junho
- (2) Com base em janeiro
- (3) Preço do dia
- (4) Outra fórmula



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

## Os novos heróis

Régis Cardoso

Naquele domingo seu Sol espichou a soneca até mais tarde. O dia amanheceu e as nuvens faceiras, cochichavam umas com as outras as últimas fofocas da semana que já tinha findado.

Na lagoa do Fundão, com exceção de Lico, todos os demais habitantes ainda dormiam, embalados pelas ondas, que o vento Minuano, tio dos irrequietos Ventania e Tufãozinho, dois ventinhos muito desastrados, que deixavam o velho de cabelo em pé a cada encrenca que se metiam, assoprava num melódico canto de boas vindas a antiga e bela amiga Prima-Vera.

Lico, no entanto, apreensivo, não estava a apreciar o frescor da brisa.

Ele parecia pressentir que alguma coisa ruim poderia acontecer e impaciente agitava-se de um lado a outro.

Não era o habitual costume de ficar nervoso à espera de visitas ilustres, no domingo poucas pessoas se dirigiam ao centro de treinamento. Para os homens, o domingo é considerado o dia de descanso, para os peixes essa regra já não tem validade.

Foi exatamente quando o pequenino investigador vigilante iria desistir de toda aquela preocupação, que vozes sussuradas e passos cuidadosos tomaram direção à lagoa. Crec. . . crec. . . crec. . . galhos quebrados vup. . . vup. . . duas fisgadinhas. Que

barulhinho esquisito. Então a suspeita estava confirmada. As linhas de nylon traíçoeiras mergulharam na água em busca de algum peixinho distraído. Imediatamente Lico soou o toque geral de despertar. Todo alarde, felizmente na linguagem peixística não pode ser definido pelos intrusos. Em instante, disposto em fila, os peixinhos escutavam as ordens do capitão Peixoto. Na frente da tropa Lico e seu primo Lambareco. Meio sonado, Lambareco fora o primeiro a atender o alerta. Não sabia ainda qual seria a missão, mas na certa pretendia ser um dos convocados "especiais"; coragem para tanto não lhe faltava.

— Vamos dar uma lição nestes garotos. — ordenou o exemplar Capitão.

Usando nossas forças conseguiremos enroscar "suas armas" nos galhos velhos e eles pensarão que nos fisgaram. Serão derrotados pelo cansaço.

E a idéia funcionou. Pobres garotos, que pescaria frustrada. Horas enroscando anzóis em galhos e raízes aquáticas. A esperança de puxar uma carpa bem gorducha ou um suculento lambari ficou só no desejo do pretensioso estômago. A tropa de "choque" comandada por papai Peixoto não deu folga em minuto algum. O trabalho forçado porém, garantiu-lhes a vitória.

Seu Sol, um preguiçoso aposentado acabou despertando com as gargalhadas dos peixinhos comemorando a proeza. Lico e Lambareco, os mascotes,

sorridentes, explicaram os motivos de tanta festa. Depois de um longo bate papo e alguns exageros, seu Sol despediu-se e foi levar a história a Ventania e Tufãozinho, os dois irmãos barulhentos, que com certeza em pouco tempo e a toda

"velocidade" se encarregariam de espalhar cada mínimo detalhe. Lico e Lambareco sem dúvida, seriam recolhidos como responsáveis pela dissolução do "ataque inimigo" e virariam os novos heróis nacionais.



# Página do leitor

Saúde do Gegê Maruco  
- Dulce Leila Souza Prates -



'E você sabe por que Gegê estava com vermes? Sabe! É isso mesmo! Porque ele só andava com os pés descalços junto com os animais. Mas dali em diante, ele entendeu a importância da higiene. E queria calçar até mesmo os animais!'



## O GAÚCHO

O gaúcho gosta muito de tomar Seu gostoso chimarrão. Na cueia bem grande Na roda do fogo de chão.

O gaúcho gosta muito de cultivar a tradição encilha seu pingo e cuida da criação.

Os nossos grandes farrapos eram muito valentes pelearam muitos anos para defender nossa gente. Hermogêneo da Cruz Bueno

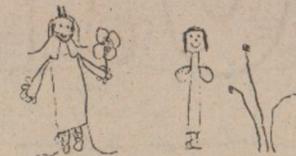
## O SOLDADO

Soldado brasileiro que está sempre a marchar Marcha no seu exército. Vai nossa pátria saudar.

O soldado é nosso amigo E é muito valente. Guerrearam com seus exércitos Para libertar nossa gente.



Elisângela D. Meireles  
6 anos  
Esc. Francisco de Assis



Alexandra Weber - 7 anos  
Esc. Francisco de Assis

Os trabalhos abaixo foram feitos pelos alunos da 5ª série da Escola Municipal Cristóvão Colombo, da Vila São Pedro, sob a coordenação da professora Gládes Beatriz B. da Cruz.

## FARROUPILHA

A semana Farrroupilha É uma semana de alegria E a todos estes farrapos Vai a minha saudação Porque vocês morreram Por nosso chão.

Se você farrroupilhense Quiser um dia vencer Siga alegre e contente Porque você é a luz de nossa gente.

Farrroupilha não é nome De se jogar fora Porque nossos Antepassados ficaram gravados em nossa história.

## GAÚCHO

O gaúcho para ser gaúcho tem que andar De chapéu, bota e bombacha larga E usar o seu tirador E a palavra amor Por nosso chão Que é nosso berço De tradição.

## O SOLDADO

O soldado brasileiro É um valente guerreiro Que luta por Nosso chão altaneiro

O soldado além de ser valente É um homem regente Que luta por nossa gente E com tudo vive contente.

Eu sou um soldadinho Que por meus coleguinhas vou lutar E na Semana Farrroupilha Todos nós vamos juntos desfilar Aluna: Claudete Senhoria Corrêa

## O SOLDADO

O soldado é um guerreiro Um homem valente Apesar de sofrer Defende nossa gente.

Na Semana Farrroupilha Não posso dizer que não O povo contente e alegre Com a Bandeira em suas mãos.

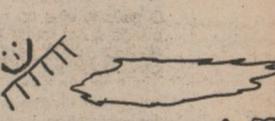
## O GAÚCHO

O gaúcho é descendente Das lutas entre portugueses e espanhóis Que iniciaram a colonização do Rio Grande. Que os índios eram primitivos da terra

O gaúcho é leal e corajoso Sua palavra é respeitada Hospitaleiro por natureza Aos visitantes de sua estância.

Dedicado às lidas do campo. O gaúcho cultiva hábitos Como tomar chimarrão e o churrasco. O pingo que o acompanha nas horas de recreação.

## Criado por um grupo de alunos da 5ª série



Danielle Trevisol - 6 anos  
Esc. Francisco de Assis

## A VIDA AQUI NA VILA SÃO PEDRO

Aqui no São Pedro a vida é muito boa. Tem muitos divertimentos como: mesa de snooker, festas, bailes, aniversários e as visitas de comadres. As pessoas da comunidade participam da Igreja aos domingos, nos cultos, nas missas.

Elas trabalham a semana inteira, só descansam aos fins de semana. Muita gente trabalha nas granjas prá fora e nos fins de semana eles voltam para casa. Eu gosto muito de morar aqui porque durante a semana vou à Escola estudar. Todos os dias cedo eu vou à Escola e depois, nos fins de semana, eu vou à Igreja. É essa realidade que eu vejo aqui em minha comunidade.



Rafael Christmann  
6 anos  
Esc. Francisco de Assis

## O GAÚCHO

Faz transplante e tem fama mais nome com pouca idade Gaúcho toma charopada Sempre tem felicidade laça bol xucro no campo e namora na cidade.

O gaúcho laça bol xucro Montado num cavalo bem domado Toma bem seu chimarrão E no cavalo fica montado.

O gaúcho usa gualaca Espora e chapéu de couro laça bol no campo lá em cima do morro.

O gaúcho vive no campo e laça o bol muito xucro No seu cavalo tordilho Só os bols macho.

## O SOLDADO

O soldado com sete letras Vive a marchar sem medo tem que vir marchar prá cá, Aqui na vila São Pedro.

O soldado é muito amigo E é muito contente Marcha no exército E é muito valente.

Renato Pinheiro da Cruz

## OS HERÓIS FARROUPILHAS

Os farrroupilhas sofreram muito Para defender nossa terra Foram os heróis farrroupilhas Que ficaram escritos na história.

Os farrroupilhas brigaram muito Que quase durou dez anos na luta contra os impostos A vitória almejada.

Ronaldo Pinheiro da Cruz



Gilvana Castaldi  
7 anos  
Esc. Francisco de Assis

## NOSSA VIDA MUDOU

A vida aqui na São Pedro era muito simples, plantavam de tudo mas para trabalhar usavam mão-de-obra humana, instrumentos manual para preparar a terra e para fazer a plantação. Eles se divertiam em jantãs, aniversários, bailes familiares, casamentos e outras diversões. Mas para a subsistência criavam animais como: galinha, porco, patos e gato. Mas hoje em dia usam trator e outras máquinas, querem tirar financiamento do banco e depois não podem pagar e têm que vender a terra para ir morrer na cidade, passando fome e frio. Não pode arrumar emprego e tem que viver de biscate.

Ronaldo Pinheiro da Cruz

## O GAÚCHO

Aborrecido quando te ouço fico. E uma grande saudade me esporeia Porque gemem no teu grito. Os gaúchos que morrem na peleia. Gaúcho prá ser gaúcho tem que ter bombacha larga Seu chapéu pousado na

cabeça bota espora e gualaca.

A roda de chimarrão com seu bando A noite toda passa denunciando Cruzados de viajantes ou índio vago. Ronaldo Pinheiro da Cruz

## O GAÚCHO

O gaúcho pra ser gaúcho Tem que tomar chimarrão Em roda de fogo de chão Cultivando a nossa tradição.

## O SOLDADO

Quero ser um bom soldado Para lutar e vencer Quero ser um valente guerreiro Pra minha pátria defender.

Eu sou um soldadinho Que gosto de cantar No dia 7 de setembro Na vila vou desfilar.

Eu sou um soldado que gosta de marchar Vou lutar muito para defender Enquanto eu aqui estou

vivendo Por ti eu vou trabalhar até morrer. Elizandra de Fátima da Silva

## O GAÚCHO

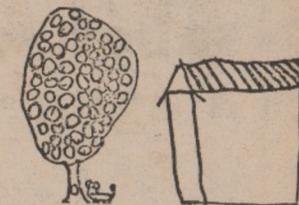
O gaúcho é um homem Que toma seu chimarrão E sai a passear Com seu alásão.

O gaúcho prá ser gaúcho Tem que andar de bota e

espora E ele nunca pode deixar Sua terra jogada fora.

Cada gaúcho tem sua tradição De lutar pelo seu chão E tomar um chimarrão E dançar um vanerão.

O gaúcho mora no rancho Que é a sua moradia Laça o bol xucro Em seu cavalo tordilho. Dulce Leila Souza Prates



Fábio Barroso - 7 anos  
Esc. Francisco de Assis

## SAÚDE DO GEGE MARUCO

Eu sou o Gege Maruco e estou muito feliz com minha bicharada. Sr. Gege tinha uma boa saúde mas certo dia aconteceu o seguinte: — Compadre estou doente, vou ter que ir ao médico.

E assim Gege ia se desanimando cada vez mais. Seus animais estavam feios porque ele não podia trabalhar. Gege resolveu ir ao Dr. — Ora, ora, você tem é vermes. Ande com os pés descalços! E você sabe por que Gege estava com vermes? Sabel! É isso mesmo, porque estava com os pés descalços junto com os animais.

Mas dali em diante ele entendeu a importância da higiene. E queria calçar até os próprios animais. Dulce Leila Souza Prates

## PRIMAVERA

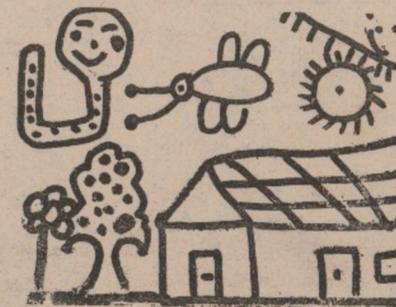
É tempo de primavera Uma estação muito boa Tem muitas flores que formam o jardim das pessoas.

Primavera é tempo de flores é muito cheiro de glória Até que vem o verão e termina esta história.

## A SAÚDE

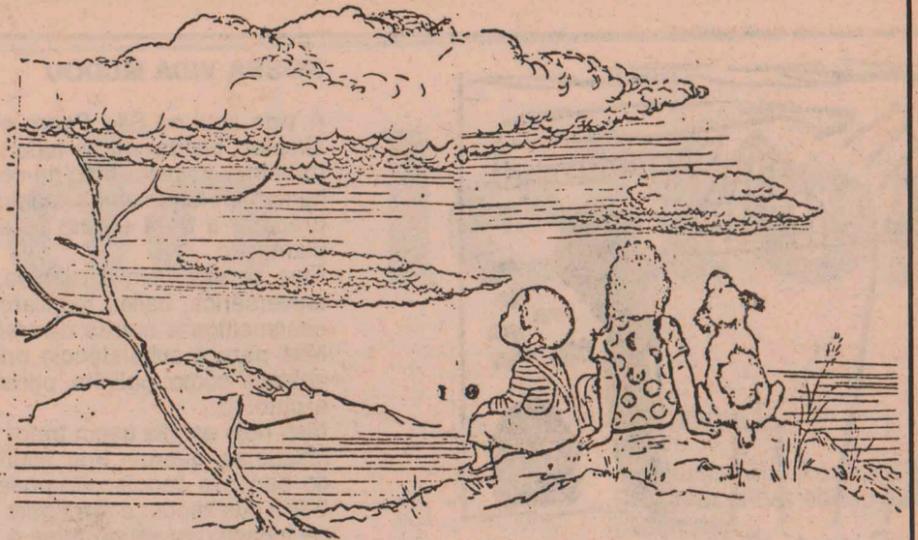
A saúde é comer alimentos que tenham bastante gordura, também é muito bom comer todos os dias verduras, porque todas as hortaliças têm vitamina pura.

A limpeza é necessária Vou dizer as atitudes Comemos todos os dias A higiene também é saúde. Hermogêneo da Cruz Bueno



Miriam Carvalho  
6 anos  
Esc. Francisco de Assis

# O que devemos saber sobre a água



Texto em português de: Luiz Fernandes  
 Baseado na história original de: Martha e Charles Shapp  
 Colaboração enviada pela tia Marisa, que trabalha na SMEC de Ijuí.  
 A partir do que você ler aqui, sobre a água, procure fazer algumas experiências. Depois nos escreva contando como foi.

Um abraço  
 Cida

Todo mundo e todas as coisas precisam de água.  
 Nós precisamos de água.  
 Os bichinhos precisam de água.  
 Todos os animais precisam de água.  
 Os animais da floresta precisam de água.  
 Os animais da fazenda precisam de água.  
 Todas as plantas precisam de água.  
 As plantas do jardim precisam de água.  
 As plantas da fazenda precisam de água.  
 Precisamos de água para nos lavar.  
 Você precisa de água para se lavar. . .  
 e para lavar o seu cachorro.  
 A água é usada para lavar tudo. . .  
 desde os pratos. . .  
 . . . até as ruas.

A água é usada para apagar incêndios.  
 De onde vem a água?  
 Ela vem das nuvens.  
 Uma boa parte da chuva penetra na terra.  
 Muita gente tira água do fundo da terra.  
 Muita chuva desce as montanhas formando rios.  
 Os rios se juntam e formam lagos.  
 Muita gente retira água desses lagos.  
 Esta água vem dos lagos por meio de canos.  
 É gostoso brincar na água.  
 Nadar é bacana.  
 Pescar é bacana.  
 A água pode fazer muitas coisas que até parecem mágica.

Muitas coisas podem boiar na água.  
 Um navio enorme pode navegar.  
 Outras coisas não podem boiar.  
 Ponha uma moeda dentro de um copo com água.  
 A moeda afunda.  
 A água pode se modificar.  
 Quando a água fica muito fria, muito, muito fria, ela vira gelo.  
 Quando a água fica muito quente, muito quente, ela vira vapor d'água.  
 A água pode dar a impressão que as coisas somem.  
 Ponha um pouco de açúcar dentro da água. Mexa a água,  
 O açúcar parece que sumiu.  
 Prove a água.  
 O açúcar está na água?  
 A água pode sumir no ar.  
 A chuva molha a rua.  
 A chuva pára.  
 Não demora muito e a rua seca.  
 A água sumiu no ar.  
 Mamãe pendura roupas molhadas lá fora.  
 Não demora muito e as roupas estão secas.  
 A água das roupas sumiu no ar.  
 A água que some no ar forma as nuvens.  
 Das nuvens vem de novo a chuva que traz a água.

